

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

VANESSA DE MOURA SANTOS

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA URBANIZAÇÃO DO BAIRRO SÃO JOSÉ NA CIDADE
DE PICOS-PI (1960-1980)**

PICOS-PI

2014

VANESSA DE MOURA SANTOS

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA URBANIZAÇÃO DO BAIRRO SÃO JOSÉ NA CIDADE
DE PICOS-PI (1960-1980)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História, do Campus Senador Helvídio
Nunes de Barros, da Universidade Federal do
Piauí.

Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos
Santos

PICOS-PI

2014

Eu, **Vanessa de Moura Santos**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 17 de Setembro de 2014.

Vanessa de Moura Santos

Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S237h Santos, Vanessa de Moura.

História e memória da urbanização do bairro São José na cidade de Picos (1960 – 1980) / Vanessa de Moura Santos. – 2014.

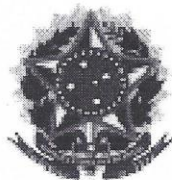
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (55 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. MSc. Raimundo Nonato Lima dos Santos

1. Bairro São José. 2. Picos - PI. 3. Memória. I. Título.

CDD 981.812 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dezessete (17) dias do mês de março de 2014, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Vanessa de Moura Santos** sob o título **História e Memória da urbanização do bairro São José na cidade de Picos-PI (1960-1980)**

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador 1 : Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinadora 2: Prof. Ms. Marcos Vinícius Holanda Sousa

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,5.

Picos (PI), 17 de março de 2014

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador (a) 1: Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador (a) 2: Marcos Vinicius Holanda Sousa

Dedico esta, bem como todas as minhas outras conquistas, a Deus, a minha mãe Luisa Helena, aos meus demais familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

“Um sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade”, já dizia Raul Seixas. Eis que com este trabalho concluo mais uma etapa da minha vida e, conseqüentemente, a realização de um sonho compartilhado por todos que me circundam.

Mediante essa vitória alcançada não poderia deixar de verbalizar minha gratidão aos vários atores envolvidos e corresponsáveis por essa conquista.

Sendo assim, inicio agradecendo a Deus por guiar meus passos no caminho certo, me dando forças e coragem para enfrentar as dificuldades, sempre me socorrendo nos momentos mais difíceis.

Deixando o campo espiritual e passando ao plano terreno, agradeço a uma mulher merecedora de todas as homenagens e de todo o meu orgulho, minha mãe, Luisa Helena de Moura (Zelena), aqui, valho-me de um velho clichê tão necessário para dizer o que sinto: “a senhora é a melhor mãe do mundo”, eu não sou ninguém sem você por perto, faço essas afirmações sem nenhum medo de errar.

Agradeço ao meu pai, José Sulliberto, pelo seu amor, seus ensinamentos, por sempre ter confiando em mim e torcer pelo meu sucesso.

Ao meu irmão, Marcus Vinicius, pelo companheirismo e paciência.

As minhas amadas tias, Gleide e Rosilene, por quem tenho enorme gratidão e admiração, por terem lutado junto comigo, me apoiando e incentivando a seguir frente.

A minha vó, Maria (Baída), pelo exemplo de mulher forte e guerreira, pelo amor e carinho, por me ter, explicitamente, como a neta preferida.

A minha prima, Laylla Carvalho, por sempre me ouvir, aconselhar, acalmar e incentivar a persistir em busca da realização dos meus sonhos.

Agradeço aos meus demais familiares pelos momentos em família, por compartilharmos a vida nos aspectos bons e ruins.

A minha amiga Débora por se fazer presente em todos os momentos, me dando ânimo e palavras de que tudo daria certo.

A Marcos Holanda, meu querido amigo, que no momento de maior aflição me ajudou a escolher o tema da monografia, além de me disponibilizar seus materiais tangíveis e intelectuais.

A Elierson Moura, meu amigo, vizinho e companheiro de curso, por me amparar no decorrer desses quatro anos e meio, me concedendo materiais fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Mesmo quando eu não merecia você me estendia à mão e me socorria, obrigada!

A Raimundo Nonato, meu Orientador, pela paciência, atenção e ajuda durante esse trabalho, por dedicar parte do seu tempo a me ensinar, sempre com muita competência e compreensão esclarecendo minhas dúvidas e angústias.

Aos professores do curso por contribuírem de forma grandiosa para meu crescimento intelectual e por fazerem com que o gosto pela História aumentasse a cada dia.

Aos entrevistados por toda a disposição de seu tempo para me ceder informações, lembranças e imagens, que foram uma das bases para formar o todo desta monografia.

Aos meus colegas do curso de história, sendo cada um muito especial e que marcaram de alguma forma a minha vida. De cada um tenho uma história pra contar e muitas alegrias vividas, em especial, Allysson, Vinicius, Luan, Ranny, Amparo, Luzinete...

Ao longo desses quatro anos e meio tive o privilegio de fazer grandes amigos que tornaram os meus dias mais felizes, sou grata a todos, em especial, a Rubens Almondes e a Turma dos 60 mil. Porém, só existe uma coisa melhor do que fazer novos amigos: conservar os velhos. E a vocês, meus velhos amigos, obrigada por entenderem minha ausência.

Também não poderia deixar de agradecer àqueles que, embora dos bastidores, sempre torceram pelo meu sucesso, e, mesmo de longe, acreditaram em mim.

O caminho para a consecução deste trabalho foi longo e repleto de dificuldades e obstáculos, assim como também de momentos e pessoas inesquecíveis, e são a vocês que deixo registrado o meu muito obrigada.

Vai diminuindo a cidade
Vai aumentando a simpatia.
Quanto menor a casinha
mais sincero o “bom dia”.
Pato Fú

RESUMO

O presente trabalho aborda o processo de constituição e desenvolvimento do bairro São José, localizado na cidade de Picos-PI, entre as décadas de 1960 e 1980. Apresenta uma análise sobre a formação da cidade de Picos proposta por diferentes versões históricas existentes e foca no processo de povoamento do bairro São José, destacando: os primeiros habitantes e as dificuldades enfrentadas nos primeiros anos, a escolha do nome, a chegada dos princípios modernizadores e as práticas culturais dos moradores. Segue o aporte teórico-metodológico de Rolnik, Certau e Alberti, entre outros. Faz uso de várias fontes como jornais picoenses, leis municipais, atas da Câmara, mapas, fotografias e depoimentos orais.

Palavras-chave: bairro São José, Picos-PI, memória.

ABSTRACT

This paper discusses the process of formation and development of the São José district located in the city of Picos-PI, between the 1960s and 1980s. Presents an analysis of the formation of the city of Picos proposed by various existing and focuses on the population of São José district process historical versions, highlighting: the first inhabitants and the difficulties faced in the early years, the choice of name, the arrival of the modernizing principles and cultural practices of residents. Follows the theoretical and methodological contributions of Rolnik, Certau and Alberti, among others. It uses various sources like newspapers picoenses, municipal laws, minutes of the Board, maps, photographs and oral testimonies.

Keywords: São José district, Picos-PI, memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Mapas do município de Picos	15
Figura 02 - Mapa que destaca as principais rodovias que cortam Picos-PI	16
Figura 03 - Feira Livre de Picos.....	17
Figura 04 - Moradores de rua instalados embaixo de pontes na cidade de Picos.....	20
Figura 05: (à esquerda) Fachada da antiga Matriz, pouco antes da demolição; (à direita) Construção da nova igreja Matriz de Picos	26
Figura 06: Vista de uma vazante do rio Guaribas	28
Figura 07: Vista da destruição da cidade causada pela enchente do rio Guaribas na década de 1960	29
Figura 08: Vista da placa que indica que Picos era o marco zero da Transamazônica	34
Figura 09: Mapa da evolução Histórica de Picos	37
Figura 10: Limites do bairro São José, atualmente	38
Figura 11: Imagem da frente da Igreja de São José Operário no bairro São José, década de 1980	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PICOS: FORMAÇÃO ECONÔMICA, SOCIAL E DESENVOLVIMENTO URBANO	15
2.1 Panorama econômico e social de Picos na atualidade.....	15
2.2 Histórias e Estórias sob o processo de constituição de Picos	20
3 O BAIRRO SÃO JOSÉ: DESENVOLVIMENTO URBANO E PRÁTICAS CULTURAIS	32
3.1 Por que São José?	36
3.2 Das dificuldades dos primeiros anos aos princípios moderzadores	39
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
FONTES E REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Formados por aglomerações que tem seu próprio comércio, sua própria área de lazer, igrejas, escolas e que são quase independentes do restante da cidade (LIMA, 1997. p. 50).

Ao me deparar com essa definição do que é bairro feito por Lima (1997), durante as pesquisas para a construção deste trabalho de conclusão de curso, senti o quão importante e abrangente o meu tema é, afinal, cada sujeito histórico, que vive numa urbe, passa por uma experiência única. Cada sujeito tem uma cidade, experimenta e a conhece a seu modo. Dessa maneira, a cidade se torna um território múltiplo, que está em constante mudança, de articulações com as relações sociais.

É nos bairros onde são realizadas as práticas sociais e cotidianas que se constituem em espaços de sociabilidades, frequentações, etc. Esta pesquisa teve por objetivo principal fazer um estudo voltado para a compreensão dos fenômenos urbanos apresentados pelo bairro São José enfocando desde seu processo de constituição às modificações observadas ao longo do tempo, principalmente, entre o período de 1960 a 1980. A definição dessa temporalidade deveu-se, a priori, ao fato de que nesse período ocorreram algumas das principais mudanças urbanas da cidade de Picos, e também do próprio bairro.

Segundo Roberto Lobato Correa (1993), as cidades brasileiras em meados da década de 1960 foram marcadas por um intenso processo de desenvolvimento e reestruturação urbana, oportunizando o surgimento e ocupação de novos espaços urbanos.

No plano local – em Picos - a década de 1970 constitui-se como um importante marco histórico. Isso se deve ao fato do município ter recebido uma Unidade do Exército Brasileiro – o 3ºBEC (Batalhão de Engenharia e Construção)- que veio deslocado de Natal, capital do Rio Grande do Norte, trazendo investimentos na área de educação, como a instalação do Campus da Universidade Federal do Piauí, a chegada da indústria têxtil, a construção do Hospital Regional Justino Luz. Estes e outros fatores fizeram com que a cidade de Picos ganhasse destaque como uma cidade que estava em ascensão no interior do sertão piauiense.

Notadamente cercada de espaços de segregação espacial, Picos possui uma estrutura peculiar: os montes que formam a cidade. Nos anos de 1960-1980 a população picoense buscou novas áreas de habitação, pois o centro urbano e suas adjacências não ofereciam mais

locais favoráveis para instalação de residências, daí a sua expansão urbana para outras regiões, principalmente em cima dos morros e à beira de estradas.

Diante deste fato, surgiu o seguinte questionamento: Quando e como ocorreu o processo de constituição do bairro São José? Tendo em vista que o mesmo passou a ser considerado um novo espaço dentro da cidade de Picos, na medida em que, espontaneamente, ali se instalaram moradores, passando a ser um local de produção e reprodução dos diversos atores sociais, permitindo, assim, a realização da vida humana e cotidiana.

Não obstante para uma maior compreensão sobre o fato histórico, cabe apontar outros questionamentos, como: Qual o papel desempenhado pela Igreja de São José Operário no processo de constituição desse novo bairro, tendo em vista que ambos têm o mesmo nome? Quais os atores sociais e suas respectivas memórias em suas relações de vivências ou experiências passadas com o bairro? Quais os aspectos culturais a serem destacados? Qual o papel do Município na organização e manutenção do bairro? Quais foram às rupturas e permanências das vivências cotidianas que o bairro sofreu no período em questão? Esses questionamentos são esclarecidos no decorrer deste trabalho que dialoga entre os campos da história, memória e cidades.

A escolha do bairro São José, para a realização do presente estudo, pautou-se em muitos critérios, dentre estes, pelo fato de residir e vivenciar através de histórias e “estórias” sobre os primeiros moradores e a construção da Igreja de São José Operário; além de conhecer empiricamente as tradições e hábitos de seus moradores. Outro ponto propulsor desta pesquisa baseou-se no fato de não existir nenhum trabalho acadêmico que privilegiasse o assunto em questão, além do perceptível desinteresse dos jovens em conhecer sobre a História da Cidade e, conseqüentemente, dos seus bairros e assim, portanto, propiciar e estimular através desse trabalho a realização de outros projetos ou monografias que possam contribuir para a construção da historiografia picoense.

A Metodologia aplicada no desenvolvimento da pesquisa contou com a História Oral como embasamento principal. A História Oral foi de suma importância no desenrolar da pesquisa com a realização de entrevistas temáticas sobre o objeto. Para Verena Alberti (2004) “a narrativa do entrevistado acaba colorindo o passado com um valor que de outro modo parecem tão distantes [...] É como se pudéssemos obedecer ao nosso impulso de refazer aquele filme, de reviver o passado, restabelecer a continuidade com aquilo que já não volta mais” (ALBERTI, 2004, p. 14). Ainda sobre isso, como afirma Francisco Alcides do Nascimento, “a história oral não pode e não deve ser vista como uma panacéia, mas como um instrumento que permite a construção de documentos” (NASCIMENTO, 2006, p. 140).

Como suporte documental foi utilizado os depoimentos de atores sociais que participaram do processo de constituição, do citado bairro, no período de 1960-1980, além de outros documentos - como, por exemplo, Leis e Atas da Câmara Municipal de Picos, dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), mapas, carta de fundação da igreja, fotografias, reportagens em jornais e revistas da época, tais como O Profeta, Voz do Campus, Revista Manchete- que serviram com uma forma de comprovação dos fatos. As pesquisas bibliográficas foram de grande importância para a construção do texto, pois para escrever sobre o bairro fez-se necessário à realização de uma pesquisa sobre o processo de formação e desenvolvimento da cidade de Picos.

Desta forma o trabalho encontra-se dividido em dois capítulos. No primeiro é apresentado um panorama da atual conjuntura da cidade de Picos; depois é feita uma análise sobre a questão do povoamento de Picos através da utilização de bibliografias que divergem sobre este fato, destacando as semelhanças e as diferenças discutidas pelos autores. A narrativa continua com o destaque das principais características da cidade de Picos – economia, religiosidade, cultura, educação - ao longo das décadas findando em 1980.

No segundo capítulo discute-se o processo de formação dos primeiros núcleos populacionais da região que passaria a compor o bairro São José, apurando a procedência dessas pessoas e os motivos que as levaram a ocupar tal território. Além das características físicas, descritas pelos primeiros moradores, é feita uma análise das dificuldades dos primeiros anos e a conseqüente chegada dos princípios modernizadores (água, luz, asfalto); os motivos que circundam a escolha do nome do bairro; o processo de instalação do templo da Igreja Católica e as relações culturais e socializadoras estabelecidas pelos moradores durante o período em estudo.

Acredita-se que essa monografia seja de grande relevância para a sociedade pelo fato de contribuir com um maior conhecimento sobre as adjacências de Picos; assim como também promover aos cidadãos picosenses a oportunidade de conhecer, falar e refletir sobre a história de um de seus bairros.

2 PICOS: FORMAÇÃO ECONÔMICA, SOCIAL E DESENVOLVIMENTO URBANO.

2.1 Panorama econômico e social de Picos na atualidade

Picos é um município brasileiro localizado, no sertão nordestino, no Centro-Sul do Estado do Piauí a, aproximadamente, 310 km da capital Teresina. Analisando os dados coletados pelo IBGE, através do censo de 2010, constata-se que o município em questão possui uma extensão de 534.715 km², onde vivem 73.417 mil habitantes, se sobressaindo o número de mulheres em detrimento do de homens, havendo uma densidade demográfica de 137,30 hab/Km² e um Índice de Desenvolvimento Humano de 0,698. Conforme pode ser visualizado no mapa a seguir:

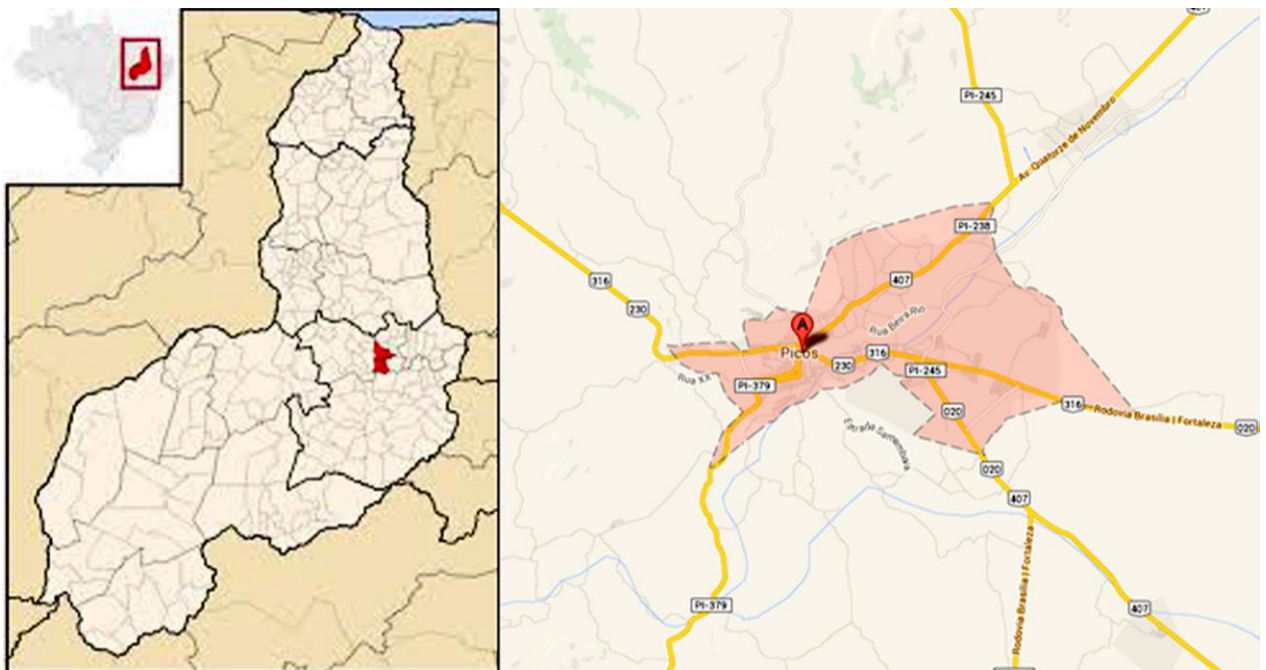


Figura 01: Mapas do município de Picos.

Fonte: (à esquerda) http://www.textilirmaosmeneghel.com.br/representantes.php?reg_estado=PI, acessado 02 de Mar. de 2014 e (à direita) <https://maps.google.com.br/maps>, acessado 02 de fev. de 2014.

O município de Picos apresenta o terceiro maior PIB do Estado revelando assim a sua importante contribuição e influência na economia do Piauí. A condição de polo comercial efervescente deve-se em partes pelo seu posicionamento geográfico estratégico, tendo em vista, que a cidade é um importante entroncamento rodoviário sendo cortada pela BR-316 ou



Figura 03: Feira Livre de Picos.

Fonte: João Paulo Leal de Sousa. In:

<http://www.flickr.com/photos/jornalistapicoense/4367091310/>, acessado em 16 ago. 2013

A feira livre de Picos, considerada a maior do Nordeste Ocidental, há tempo vem sufocando o centro da cidade, principalmente aos sábados, dia sagrado e tradicional para a realização da mesma. Podem-se encontrar na feira de Picos uma infinidade de produtos, artigos ou artefatos a preços relativamente baixos. É interessante notar as subdivisões da Feira de Picos de acordo com o produto comercializado em cada uma delas: feira do feijão, da rapadura, da farinha, dos animais, do milho, do arroz, das frutas, dos calçados e confecções, dentre outras (LUZ, In: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/4012626>, acessado em 21 ago. 2013).

Observa-se no relato acima, de Edimar Luz, a forma como essa feira livre de Picos é organizada, se subdividindo por tipo de produto vendido, facilitando assim o acesso da população ao tipo de artigo que buscam. Percebemos também que a feira era importante não só pra economia, mas como promotor de sociabilidades, tendo em vista, que o seu surgimento, logo nos primeiros anos de povoamento da região, foi de fundamental importância para o desenvolvimento do espaço urbano da cidade de Picos.

Na cidade piauiense de Francinópolis, assim como em outras cidades que surgiram a partir de um fator econômico “a feira tem uma dinâmica que propicia condições naturais favoráveis de estabelecimento como local de troca, paragens e, principalmente, atração e concentração de pessoas” (MORAIS, 2008, p. 70). Tal qual a feira de Picos onde as pessoas

se reuniam para trocas comerciais e interpessoais, desenvolvendo uma “tradição” de todos os sábados irem comprar seus alimentos frescos, “pechincharem” em busca de preços melhores, estabelecerem laços de afetividade e, conseqüentemente, tornarem esse espaço o “coração” da cidade.

A historiadora, Sandra Pesavento (2004), retrata esse ideal da cidade além do material, envolta em suas relações, seu cotidiano, ao dizer que a cidade: “é materialidade uma vez que ela é pedra, tijolo, ferro, vidro, madeira, cimento, aço, plástico; ela é também sociabilidade, pois é impossível refletir sobre a cidade sem considerar as relações sociais, sem interação” (PESAVENTO, 2004, p. 08).

A estruturação urbana das cidades a partir de fatores econômicos e religiosos é discutida por muitos teóricos, como Raquel Rolnik (1995) e Jacques Le Goff (1998) que apontam a formação de um povoado como fruto do estabelecimento de concentrações sejam elas comerciais, como é o caso das feiras ou religiosas, como a instalação de capelas. Nesse sentido, Picos reúne essas duas motivações. A instalação logo no início do seu povoamento de uma capela e a implantação de uma feira-livre para comercializar os excedentes produzidos pelas fazendas que a compunham. Tal fato pode ser percebido na imagem acima (figura 3) onde o espaço da feira é dividido, até os dias de hoje, com o da igreja Matriz de Picos.

O crescimento de uma cidade em função de um núcleo comercial é característica de muitas cidades desde o período medieval, como aponta o historiador francês Jacques Le Goff (1998, p. 33):

A Feira e o mercado da Idade Média ofereciam as mesmas ocasiões de troca e de oportunidade de modernização.[...] Na sociedade antiga, o grande domínio, a villa, era um centro de proteção e de comercialização que reduzia a função econômica das cidades. Esta começa a se desenhar na Idade Media nos tempos que conhecemos.

Na área industrial, Picos deixa a desejar, tendo em vista a quase inexistência de indústrias na cidade. As de maior porte, já instaladas na região foram: a Indústria Coelho, de beneficiamento de algodão, hoje desativada; e a Coca-Cola, que funciona atualmente apenas como depósito. As demais são pequenas indústrias como a Apiagro, Pinguim Refrigeração etc.

No que se refere ao aspecto econômico social, utilizamos os dados disponibilizados no Portal do ODM¹ para fazer uma análise da situação atual da cidade de Picos. Nesse relatório

¹ Ao analisar os maiores problemas mundiais, a ONU (Organização das Nações Unidas), nos anos 2000, estabeleceu 8 Objetivos do Milênio – ODM, que no Brasil são chamados de 8 Jeitos de Mudar o Mundo, tais objetivos deveram ser atingidos por todos os países até 2015. No Brasil há um Portal do ODM (Objetivos de

Picos tem mais de 80% de sua população vivendo acima da linha da pobreza, porém não deixa de ser uma cidade marcada pela desigualdade social, sendo que da renda apropriada, 60% é detida pelos mais ricos.

Geograficamente cercada por montes picosos que deram origem ao nome da cidade, é comum encontrarmos, em Picos, habitações em terrenos bastante acidentados, tidos como impróprios, como as encostas de morros, além de moradias em completo estado depreciativo, onde há falta de serviços fundamentais como o de saneamento básico.

Em relação ao planejamento territorial, visando à melhoria dos serviços públicos, como o saneamento básico, o município dispõe do Plano Diretor “instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana” do município. (Estatuto da Cidade, artigo 40). É através do Plano Diretor que se torna possível planejar o futuro e buscar formas de melhorias das condições de vida de sua população.

O município declarou, em 2008, existirem loteamentos irregulares, mas não existirem favelas, mocambos, palafitas ou assemelhados. Neste município, não existe processo de regularização fundiária, mas existe urbanização de assentamentos. Não existe legislação municipal específica que dispõe sobre regularização fundiária e com plano ou programa específico de regularização fundiária. Neste Município, em 2010, não haviam moradores urbanos vivendo em aglomerados subnormais (favelas e similares). Em 2010, 95,0% dos moradores urbanos contavam com o serviço de coleta de resíduos e 95,8% tinham energia elétrica distribuída pela companhia responsável (uso exclusivo). Para ser considerado proprietário, o residente deve possuir documentação de acordo com as normas legais que garantem esse direito, sendo ela de propriedade ou de aluguel. A proporção de moradores, em 2010, com acesso ao direito de propriedade (própria ou alugada) atinge 91,7%. (ODM, 2013).

Na citação acima o município declara como inexistentes habitações subnormais como favelas, casas de taipa ou similares, além de haver uma quase totalidade de habitantes com o direito de propriedade, tais dados vão de encontro com o momento expansionista na qual a cidade de Picos está vivendo, com um grande aumento na venda de loteamentos e o surgimento dos primeiros condomínios residenciais. Porém, contrariando os dados da citação acima, observa-se empiricamente que há, na cidade, moradores de rua, inclusive por ser um local de passagem de muitos viajantes é comum nos depararmos com a instalação de pessoas em baixo de pontes do município. Como podemos observar na imagem abaixo:

Desenvolvimento do Milênio) onde se utilizando dos dados dos censos, realizados pelo IBGE, é elaborado um relatório de cada município do país, expondo os aspectos mais preocupantes como a educação, saúde, ecossistema.



Figura 04: Moradores de rua instalados embaixo de pontes na cidade de Picos.

Fonte: Portal Grande Picos. In: <http://180graus.com/picos/moradores-de-rua-se-multiplicam-cada-vem-mais-nas-ruas-de-picos>, acessado em 14 jan. 2014.

Em relação à saúde, há vários estabelecimentos, privados e públicos. Dentre os órgãos públicos da cidade, podemos destacar: Hospital Regional Justino Luz, Hospital O Dia, vários Postos de Saúde da Família e Serviço de Atendimento Móvel de Urgência - SAMU. Dentre os serviços privados, alguns conveniados ao SUS, destacamos: Hospital Memorial do Carmo, Maternidade Nossa Senhora dos Remédios, Hospital Geral de Picos, além de várias clínicas.

Na área educacional Picos vem ganhando notoriedade. Tida como uma cidade jovem e universitária possui um grande fluxo de moradores itinerantes que vem a mesma em busca de usufruir dos seus campi de ensino superior e tecnológico – Universidade Federal do Piauí - UFPI, Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Instituto de Educação Superior Raimundo Sá - IESRSA, Instituto Federal do Piauí - IFPI, Instituto Superior de Educação Antonino Freire - ISEAF, Universidade Norte do Paraná - UNOPAR, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC dentre outros - além de conter uma grande rede de ensino nas áreas pública e privada, desde o maternal, ensino infantil, fundamental e médio. Recentemente há um projeto em andamento para a instalação de uma escola de medicina na cidade.

2.2 Histórias e Estórias sob o processo de constituição de Picos

[...] seguir a trilha para trás, partindo das mais completas estruturas e funções urbanas conhecidas, para os seus componentes originários por mais remotos que se apresentem no tempo, no espaço e na cultura. Antes da cidade, houve a pequena povoação o santuário e a aldeia; antes da aldeia o

acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras; e antes de tudo isso houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha, evidentemente com diversas outras espécies. (MUNFORD, 1965, p. 13).

A citação acima nos transporta para a importância de “seguir a trilha para trás”, de compreender os processos que levaram a formação da cidade de Picos. Tarefa instigante, mas complexa devido a divergências apreendidas entre aqueles estudiosos que já se voltaram a este estudo.

Tomando como embasamento o processo de “descobrimento” do Brasil, que se destinava a ocupação da terra, a exploração das riquezas, a catequização e implantação de uma sociedade ao estilo europeu. A historiadora Graziani Gerbasi Fonsêca (2004) nos explica que a formação de Picos foi fruto de um dos projetos de expansão da colonização, que constituía em avançar sob o interior brasileiro a procura de minérios preciosos, além de buscar assegurar o controle das terras instalando, principalmente, fazendas de gado:

Excetuadas as épocas anteriores ao ‘descobrimento do Brasil’, a ocupação e o povoamento da Sub-bacia Hidrográfica do rio Guaribas - onde Picos se situa - inscreve-se nos quadros mais amplos da Expansão Colonial Portuguesa, particularmente no seu avanço do litoral para o interior do Nordeste Brasileiro, no processo conduzido pela Casa da Torre de Garcia D’Ávila e seus descendentes, através dos empreendimentos feudais de apropriação de terras e escravização, expulsão ou massacre dos povos indígenas. (FONSÊCA, 2004, p. 33).

Seguindo a trilha de muitas outras cidades do Piauí, o processo de povoamento da cidade de Picos, se deu por meio de um tripé: a fazenda, o curral e a capela, como descreve Jane Sousa:

O início do povoamento deu-se com a vinda de compradores de cavalos, originados de Pernambuco e Bahia. O primeiro lugar a ser devassado foi o atual município de Bocaina, em que Antonio Borges Marinho edificou, em 1754, uma capela, a qual ainda existe. Em 1851, erigiu-se a freguesia no povoado sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios. Em 20 de dezembro de 1855, foi elevada à categoria de vila pela Resolução provincial nº 397, sendo desmembrada de Oeiras e ficando na ordem judiciária de Jaicós. Em 1859, a cidade de Picos foi edificada no local onde ficava localizada a fazenda de gado da família Félix Borges Leal, português vindo da Bahia que instalou a fazenda Curralinho às margens do rio Guaribas. Como na maioria das cidades do Piauí, Picos surgiu da combinação fazenda, curral e capela. Em 12 de dezembro de 1890, foi elevada à categoria de cidade. (SOUSA, 2005, p. 28).

Há, entretanto, outra versão que busca explicar os primórdios da cidade de Picos e, conseqüentemente, contestar a versão tradicionalista acima citada, como relata a pedagoga Maria Alveni Barros Vieira:

Outra explicação pouco divulgada, de que a cidade de Picos teve sua origem nos currais construídos no pico (limites) das fazendas Sussuapara e Samambaia, local por onde passavam e repousavam as comitivas de cavalheiros e tangerinos provenientes da Bahia e Pernambuco, que vinham para aquela região comercializar gados *vacum* e cavalos, local esse onde desde os setecentos, segundo o historiador, Santos Neto ‘muitos caminhos se cruzam’. (VIEIRA, 2001, p. 25).

Devido ao constante uso, em trabalhos acadêmicos, da versão trazida aqui por Jane Sousa (2005), a ideia de que tenha havido uma fazenda intitulada Pico, como relata Alveni Vieira, tornou-se bastante dúbia. Porém, ao se fazer um levantamento das grandes fazendas de gado do município de Oeiras, foi encontrado registro dessa fazenda de codinome Pico, de propriedade de Francisco Borges Leal.

Em relatório apresentado à Câmara Municipal de Picos, em 1936, o então prefeito Justino Rodrigues da Luz revela que, dentre os bens públicos, o município de Picos tem ‘uma posse de terra na Fazenda que lhe deu o nome no valor de R\$ 140\$000, cujo domínio pouco passa da área ocupada pela cidade. Assim, ao contrário do que revelam à maioria dos trabalhos que situam Picos como originária das fazendas Curralinho ou Retiro do Curralinho, alguns indícios apontam para a existência da Fazenda Pico, no século XIX como provável local de origem. (VIEIRA, 2001, p.25).

Independentemente de qual seja a narrativa “originária”, iremos analisar o processo que transformou esse espaço em um lugar seguindo a linha de raciocínio da geógrafa Ana Fani Carlos (2003), e conseqüentemente, as relações dos seus habitantes com o mesmo.

“A cidade enquanto construção humana, produto social, trabalho materializado, apresenta-se enquanto formas de ocupações. O modo de ocupação de determinado lugar se dá a partir da necessidade de realização de determinada ação, seja de produzir, consumir, habitar ou viver.” (CARLOS, 2003, p. 45) Nesse sentido, podemos destacar como motivos para a instalação dos primeiros fazendeiros na região, atualmente constituída como microrregião de Picos, o fato dos mesmos terem encontrado condições propícias para a criação do gado *vacum* como: as terras férteis, água em abundância e, principalmente, por ser um imenso espaço ainda não ocupado e de fácil penetração.

O processo de povoamento do Piauí é fonte de debates na academia. Cláudio Melo (1985) trás a perspectiva de que o norte do Piauí tenha sido ocupado muito antes do que o sul, “foi em Luís Correia e Parnaíba que começou a civilização lusa no Piauí” (MELO, 1985, p.

28) esse primeiro contato dos nativos com os europeus se deu como nas demais capitânicas, através do litoral e suas trocas comerciais, personificado, no caso do Piauí, na figura de Nicolau Resende e seus companheiros que “nafragaram quase às nossas praias em 1571, e foram bem acolhidos pelos Tremembés, com quem conviveram pacificamente” (MELO, 1985, p. 27). Porém, há outra vertente, defendida por Luís Mott, no texto “Piauí Colonial”, na qual o povoamento do Piauí tenha sido realizado de “maneira diversa da das demais Capitânicas: seu solo é conquistado partindo-se do interior (do Rio São Francisco) para o litoral” (MOTT, 1985, p. 45).

Independentemente de que forma tenha sido ocupado o solo piauiense, se pelo litoral ou pelo sertão, foi a vinda desses desbravadores dos ‘Sertões de Dentro’ que promoveu a ocupação do solo sertanejo através do estabelecimento das fazendas de gado, tais fazendas, apesar de terem seus limites regulamentados pela Carta Régia de 7 de Dezembro de 1697, ultrapassavam em muito os limites impostos transformando-se em verdadeiros latifúndios. “A prática da pecuária extensiva fez com que os latifúndios além de gigantescos se distanciassem enormemente uns dos outros” (MOTT, 1985, p. 73).

Essa forma de ocupação destas terras pela pecuária marcou um tipo de povoamento rarefeito, disperso e rural, com uma população resultante da miscigenação de portugueses “ausentes”, índios e africanos. Tal como na região conhecida como Vale do rio Guaribas, onde está inserido o município de Picos, que “desde meados do século XVII, conforme informações presentes em documentos do ano de 1697, redigido pelo Pe. Miguel de Carvalho” (VARÃO, 2007, p. 16) já haviam fazendas instaladas, o mesmo relaciona a existência de seis:

A primeira fazenda na cabeceira deste riacho se chama o Buraco; esta nela Antônio da Silva com 2 negros; dista da que se lhe segue 2 léguas; A segunda se chama Pedras; esta nela Sebastião Pereira com um negro; dista da que se lhe segue 2 léguas; A terceira se chama Sussuapara; está nela Manuel Travassos Borges com 2 negros; dista da que se lhe segue 2 léguas; A quarta se chama Samambaia, esta nela Aleixo de Barros Galvão com um índio, e o senhor da fazenda é o Alferes Francisco Bezerra Correia com 3 tapuias, dista da que se lhe segue 2 léguas; A quinta se chama Buqueirão; está nela João de Sousa com 2 negros é o senhor da fazenda o Capitão Alexandre Rebelo de Sepúlveda com uma cabocla, dista da que se lhe segue 2 léguas; A sexta chama-se o Tucano; está nela Antonio Barbosa Bezerra com um negro e um tapuia, esta na barra e é a última deste riacho. (VARÃO, 2007, p. 17).

Percebe-se, nessa relação das fazendas, a dispersão entre elas, além do baixo índice populacional e da exploração de negros, fatores constituintes de uma ocupação de exploração. Dentre as famílias proprietárias de fazendas e de escravos, nesse período, destacam-se os

sobrenomes: “Araújo, Borges, Leal, Marinho, Moura, Luz, Barros, Rodrigues, Britto, Vieira, Carvalho, Gomes, Caminha, Oliveira, Santos, Holanda, Martins, Rocha e outros, todos eles de evidente origem ibérica, com predomínio de ‘cristãos novos’ e ‘marinheiros’” (FONSÊCA, 2004, p. 35).

Por serem, os portugueses, declaradamente, pessoas de religião cristã, o catolicismo foi bastante difundido e influenciou de forma positiva para o aumento e a fixação da população nessas fazendas, transformando assim esse espaço de produção de riquezas e bens, em um lugar de vivência, advindo a instalação das primeiras capelas. Para Murilo Marx (1991, p. 36), foi à Igreja Católica, representada por humildes capelinhas nas fazendas de gado do Piauí, que “possibilitaram a lenta transformação do sertão bravio em futuros núcleos urbano”.

Ana Fani Carlos retrata bem essa necessidade do homem de adicionar elementos interpessoais e culturais ao espaço que ele ocupa, transformando-o em um lugar onde ele se reflete, tendo em vista que “o ser humano necessita, para viver, ocupar um determinado lugar no espaço só que o ato em si, não é meramente ocupar uma parcela do espaço; tal ato envolve o de produzir o lugar” (CARLOS, 2003, p. 45).

A produção deste lugar nos remete ao conceito de Certau (2008) a cerca do chamado “lugar praticado”, ou seja, quando ocupado, o lugar é transformado, passando à condição de lugar praticado. Tal “espaço assim tratado e alterado pelas práticas se transforma em singularidades aumentadas e em ilhotas separadas” (CERTAU, 2008, p. 168). O lugar praticado é algo fisicamente imóvel que depende das dinâmicas de deslocamentos de um coletivo para se re-significar e atualizar-se constantemente.

Devido a este aspecto, a construção de uma capela, em 1754, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição pelo sertanista Antônio Borges Leal Marinho é tido como marco inicial do povoamento dessa região, reforçando assim a ideia trazia por Jane Sousa (2005), de que os primórdios de Picos advêm do tripé: a fazenda, o curral e a capela.

No livro “Picos nas anotações de Ozildo Albano” (ALBANO; SILVA, 2011) há uma passagem que retrata a importância exercida pela primeira capela instalada pela família Borges Leal no atual município de Picos:

Foi ainda na década de 1830 que Roberto Borges Leal e seus irmãos, com a ajuda do padre Francisco de Paula Moura, primeiro sacerdote filho da terra picoense, construíram a humilde capela, toda em madeirame de carnaúba, dedicada a São José - hoje igreja do Sagrado Coração de Jesus - cuja imagem Miguel Borges Leal, o patriarca da família, trouxera consigo, quando aqui se estabeleceu, na metade do século XVIII. Ao redor da capela

de São José foram se agrupando casas que deram origem ao povoado, vila e, mais tarde, cidade de Picos. (ALBANO; SILVA, 2011, p.30).

As primeiras habitações se instalaram, justamente, ao redor da capela de São José, citada por Ozildo Albano. Esse aspecto nos reporta a ideia de Rolnik (1995, p. 14) ao dizer que “o templo era o imã que reunia o grupo”, tendo em vista que “o templo religioso é que era referência como espaço socializador para a população que vivia dispersa no meio rural” (MORAIS, 2008, p. 68). Ou seja, o templo religioso foi à mola propulsora da urbanização de Picos, fazendo com que os moradores do meio rural migrassem para a cidade que com o passar do tempo, foi crescendo e, juntamente com ela, foi crescendo o seu comércio, representado pela feira-livre, porém sem deixar de ser uma cidade onde o urbano e o rural se confundiam.

Somente em 1871, foi edificada a igreja de Picos pelo Pe. Dr. José Antonio Pereira Ibiapina que a construiu em apenas noventa dias, posteriormente a igreja foi demolida com o apoio do povo, e construída a atual Matriz de Picos, para onde a imagem de Nossa Senhora dos Remédios foi levada.

Segundo a tradição oral a imagem de Nossa Senhora dos Remédios foi encomendada pelo coronel Victor de Barros Silva em cumprimento à promessa feita pelo seu vaqueiro, João das Dores, para que seu filho e o filho do patrão voltassem são e salvos da guerra (Balaiada) para o qual foram a comando do capitão José Francisco Fontes. O valor pago pela imagem correspondia a \$ 40.000,00 (quarenta mil reis). Ao ser comunicado que a santa havia chegado a Salvador o coronel designou um dos seus escravos para ir a pé busca-la e trazê-la até Picos. O escravo e a imagem chegaram a Picos no dia 31 de dezembro de 1847, o que valeu ao escravo a concessão de sua carta de alforria.



Figura 05: (à esquerda) Fachada da antiga Matriz, pouco antes da demolição; (à direita) Construção da nova igreja Matriz de Picos.

Fonte: DUARTE, Renato. Picos: os verdes anos cinquenta. 2 ed. revista e ampliada. Recife. Gráfica Ed. Nordeste, 1995, p. 109. E acervo do Museu Ozildo Albano.

A construção da Igreja Matriz é tida como um dos maiores feitos da época, nessa região, pelos seus efeitos socializantes do trabalho coletivo e voluntário, além de promover o crescimento da vila ao se tornar um ponto de referência e de encontro entre os habitantes, como é retrato por Graziani Fonsêca:

A construção da Igreja dos Remédios teve também, o mérito de induzir a expansão da Vila para locais mais adequados à habitação, pela instalação de novos arruamentos (...). Na década de 1870 já funcionava a feira semanal, aos sábados, quando moradores das fazendas e outros matutos tomavam os caminhos da Vila no intuito de vender e permutar os seus produtos, assistir à missa e inteirar-se das novidades. (FONSÊCA, 2004, p. 39).

A comarca da Vila de Picos, segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros elaborada pelo IBGE em 1959 foi:

Criada pelo Decreto de 28 de dezembro de 1889 e instalada pelo seu primeiro juiz de direito, Dr. João Leopoldino Ferreira. Em 12 de dezembro de 1890 a vila foi elevada a categoria de cidade, pela Resolução número 33 baixada pelo governo do estado, naquela época chefiado pelo Barão de Uruçuí. (IBGE, 1959, p 570).

Mesmo com o título de cidade e, passado vários anos, Picos, continuou mantendo traços coloniais e interioranos, tendo “na passagem da década de 40 para os anos 50 a pacatez e o aspecto provinciano de um aglomerado urbano quase rural” (DUARTE, 1995, p. 43). Havia a presença de animais nas vias públicas, que aos poucos foi deixando de ser de piso de terra e passou a ser calçada “possuindo 16.620 metros quadrados de calçamento, sendo 2420 metros quadrados de paralelepípedos e 14.200 metros quadrados de pedras irregulares” (IBGE, 1959, p. 570), além da falta de um sistema de abastecimento de água, de energia “até o ano de 1951, a energia elétrica era gerada por uma velha e barulhenta caldeira a vapor, que produzia uma energia fraca por quatro horas à noite” (FOCO, 2001, p.17).

Com o surgimento de aglomerações de casas, as diversões foram se diversificando e deixando de se limitar as missas e festividades religiosas. Apareceram então as danças folclóricas.

É costume popular, no município, celebrarem-se, no período compreendido entre o dia 24 de dezembro e 6 de janeiro, determinados festejos, nos quais se exibem danças e cânticos em torno de figuras de animais e de credices populares, tais como o “boi”, a “burrinha”, o “Jaguará”, o “lobisomem”, a “alma”, a “velha-da-cabeça-de-fogo”, etc. Tais manifestações se denominam vulgarmente de “reisados”. De ano para ano, como aliais em outras localidades, tais festejos vem diminuindo em sua pompa e número de participantes. (IBGE, 1959, p. 572).

“Na história da cidade, as presenças e os usos das águas relacionam-se a diferentes práticas, concepções, saberes, projetos ao longo do tempo, desde a sociabilidade, até as intervenções técnicas” (CARPINTÉRO; CERASOLI, 2009, p. 100). Nesse sentido o Rio Guaribas, intitulado por muitos picoenses como “pai de Picos”, exerceu juntamente com os olhos d’água, o papel de principal fonte de água potável, de sustento e lazer para a população.

Àquela época – década de 1890 – o clima da cidade era agradável, com temperaturas amenizadas pelas frondosas matas ciliares por toda a extensão do rio Guaribas, pelas inúmeras lagoas que se mantinham nas “baixas” às margens do rio, dos riachos e das grotas ao longo de todo o seu curso e pela intocada cobertura vegetal dos morros circundantes. (FONSÊCA, 2004, p. 39).

Renato Duarte (1995) em seu livro “Picos os Verdes anos cinquenta” relata que eram muitas as atividades praticadas, pela população, no rio Guaribas. Dentre elas: a lavagem de roupas que, poderiam ser por lavadeiras profissionais ou não; a utilização da água em casa nos trabalhos de limpeza, higiene e inclusive para beber; a pesca, onde uma das formas era a utilização de enganches e o “tangimento” dos peixes em direção a estes; para as plantações que, sendo feitas em forma de canteiros em torno do Guaribas, chamavam atenção pela

beleza; a lavagem de carros abaixo da ponte do bairro Bomba; e o lazer visto que muitos habitantes se dirigiam ao rio para banhar nos chamados “poços”, jogar futebol no seu leito.

Como já foi abordado, o Vale do rio Guaribas, era uma região muito atrativa por deter um solo bastante fértil e grande abundância de água, com isso a criação de gado deixou de ser a principal atividade econômica, fazendo com que, entre as décadas de 1940 e 1950, a produção agrícola ganhasse destaque. Dentre os vários produtos cultivados podemos destacar a batata, a abóbora, a cebola e a plantação de alho, que lhe rendeu o apelido de “cidade do alho”.

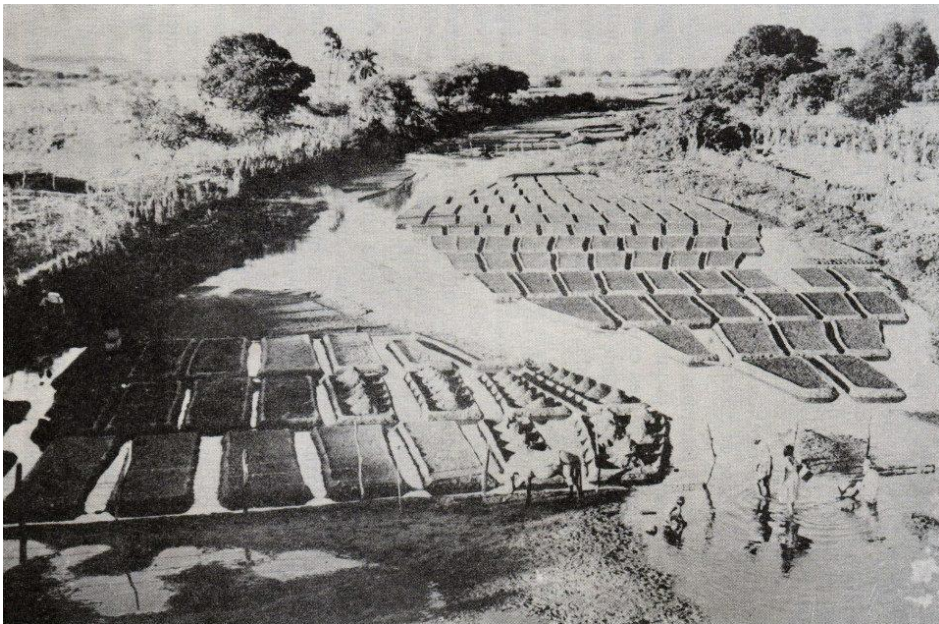


Figura 06: Vista de uma vazante do rio Guaribas.

Fonte: DUARTE, Renato. Picos: os verdes anos cinquenta. 2 ed. revista e ampliada. Recife. Gráfica Ed. Nordeste, 1995, p. 23.

Entre as décadas de 1940 e 1950, a cidade ainda não era muito desenvolvida, possuindo um comércio incipiente e poucas moradias. Vale ressaltar algumas das “importantes construções dessas duas décadas: a Praça Félix Pacheco, o prédio da Prefeitura Municipal, a primeira agência bancária da cidade - Banco do Brasil-, os centros educacionais - Instituto Monsenhor Hipólito e Ginásio Estadual Picoense – e o Hospital São Vicente de Paulo” (OLIVEIRA, 2011, p.21).

Na década de 1960, mais precisamente em 1966, “Picos é escolhido pelo Instituto Brasileiro de Assistência aos Municípios, na gestão do prefeito João de Deus Filho, sendo o Governador do Estado Petrônio Portella Nunes, como Município Modelo do Piauí” (ALBANO; SILVA, 2011, p. 54). Esta titulação deveu-se ao seu importante desenvolvimento

agrário baseado na distribuição da terra, não havendo latifúndios, como foi constatado pelo INDA- Instituto de Desenvolvimento Agrário - que estava realizando o processo de reforma agrária no Brasil.

Esta premiação recebida pelo Município abre espaço para um questionamento sobre a sua veracidade, tendo em vista que o povoamento da região que compõem Picos, como já foi analisado no começo do texto, foi baseado na instalação de grandes fazendas de gado, formando-se verdadeiros latifúndios pecuaristas. Tal análise pode ser aprofundada em outro trabalho.

Um dos grandes marcos da década de 1960 foi a enchente do rio Guaribas, uma das maiores catástrofes do município, que devastou a cidade e traumatizou toda uma geração:

Durante março de 1960, o município de Picos foi atacado e destruído por um inimigo feroz: as chuvas. A primeira enchente ocorreu no dia 9. As águas baixaram e foram quatro dias de sossego. No dia 14, novamente, choveu e alagou tudo. E assim se seguiram os dias. Quando chovia, a água que se avolumava matava, arrastava e destruía casas e deixava muitas pessoas desabrigadas. Para um [rico] proprietário em particular, as perdas, à época, foram ‘homéricas’: Mestre Abraão, viu 111 de suas casas desabarem. (FOCO, 2001, p.21).



Figura 07: Vista da destruição da cidade causada pela enchente do rio Guaribas na década de 1960. Fonte: Museu Ozildo Albano.

Na imagem acima (figura 07) observa-se as ruas da cidade de Picos tomadas pelas águas do rio Guaribas, na década de 1960, o volume era tanto que chegava a bater na altura da

coxa do homem, à esquerda, e na cintura da criança ao centro. No fundo se vê a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios salva da inundação por estar construída em cima de um morro. Outro ponto destacável são os tipos de construções da época, no canto a esquerda observa-se um casebre feito de madeira material perecível ao entrar em contato com a água.

Constituiu-se como marco do desenvolvimento de Picos, na década de 1970, a chegada do 3º BEC. Que veio deslocado de Natal, capital do Rio Grande do Norte, trazendo melhorias para o município e para toda a região, com suas obras de infraestrutura, dentre elas a “pavimentação asfáltica das BRs 316, 407 e 020, que cortam e dão acesso ao município, colocando-o na posição de segundo maior entroncamento rodoviário do Nordeste” (SOUSA, 2011, p. 28). Em meados de 1970 foi à produção de algodão que ganhou proporções nacionais, principalmente, com a instalação em 1973 das Indústrias Coelho, que “beneficiavam o algodão, fabricavam fios e tecidos que eram exportados para outros estados e até para outros países” (SOUSA, 2011, p. 29).

O senhor José Domingos de Sousa, que residia no município na década de 1970, relata como ele via a cidade de Picos naquela época:

Picos era muito aquém daquela de hoje, mas já dava sinais plenos de crescimento. Com a chegada do 3º Batalhão de engenharia de Construção em 1970-1971, que chegou à cidade por etapas, começaram a desenvolver a cidade com a construção de estradas, os acessos, ligar a zona urbana à zona rural do município e conseqüentemente ligar Picos aos grandes centros. Veio também nessa época a Indústria Coelho S/A, empresa do ramo têxtil, que empregou vários picoenses. O contato do pessoal da cidade de Picos era maior com Recife do que com a capital Teresina, pois quando se chegava na divisa com o Pernambuco (cerca de 100km) já pegava asfalto e apesar de ser mais distante, a viagem era muito melhor. O lazer no tempo era mais banhos de piscina na AABB e na beira do Rio Guaribas, mas também tinham as discotecas, a ‘Lá em Casa’ e a Petropicos, além de outras que não me recordeo no momento. (SOUSA, 2011, p. 20).

Percebe-se no depoimento acima uma descrição dos aspectos modernizadores que chegaram à Picos na década de 1970, como as obras de infraestrutura que ligaram Picos aos grandes centros, proporcionando o seu crescimento e a conseqüente instalação de indústrias, além disso, o depoente destaca as principais fontes de lazer da época, como os clubes aquáticos, casas de show e inclusive, há registros da existência, nessa época, de um cinema na cidade de Picos.

Apesar de todo esse crescimento destacado acima, na cidade de Picos, não havia Ensino Superior, limitando as pessoas a formação Pedagógica fornecida pela Escola Normal Oficial ou, para os mais abastados, o deslocamento para outros centros como Teresina, Recife,

Salvador. Somente na década de 1980, Picos avançou no campo educacional com a instalação de um Campus da Universidade Federal do Piauí.

A Universidade só chegou a Picos no ano de 1982, porém não existia um documento que provasse a existência do Campus na cidade, então juridicamente o Campus de Picos não existia, e por esses e outros fatores acabou por ser fechado, no dia 25 de Junho de 1987, e posteriormente reaberto sob juízo, e a partir daí o campus passou a ser conhecido legalmente. Logo nos primeiros anos de funcionamento, a Universidade oferecia apenas Cursos de Licenciatura Curta, com duração de apenas 2 anos, sendo esta tão atrasada que já não era mais oferecida em outras partes do país. O Campus oferecia apenas 5 cursos de Licenciatura Curta: Pedagogia em Supervisão Escolar e Administração, Letras, Ciências e Estudos Sociais. A Universidade funcionava de forma precária em um colégio do Estado, sem nenhuma estrutura. (SOARES, 2011, p. 26-27).

Esse avanço, que foi a instalação do Campus da Universidade Federal, veio acompanhado de grandes dificuldades como podemos perceber no texto de Layane Soares (2011), o Ensino Superior implantado em Picos foi de qualidade inferior aos ofertados no restante do país, além da falta de uma estrutura física adequada para uma Universidade, inexistindo em suas dependências uma biblioteca, o que acarretou numa intensa luta pela população por melhorias como a compra de um prédio próprio e a expansão dos seus cursos. Após um longo processo de expansão, atualmente, o Campus possui nove cursos superiores dentre licenciaturas e bacharelados, além de uma boa estrutura física.

3 O BAIRRO SÃO JOSÉ: DESENVOLVIMENTO URBANO E PRÁTICAS CULTURAIS

Em Picos não se falava em bairro. Era só Picos mesmo.

João Costa Paiva

As palavras proferidas em depoimento por João Costa Paiva (2013), um dos mais antigos moradores do bairro São José, a cerca da sua percepção sobre as características da cidade de Picos, em meados da década de 1960, demonstra certa limitação desta cidade ao espaço do Centro, como sendo este o único espaço urbano da mesma. O depoimento apresenta uma cidade pequena que não se dividia em bairros. Sobre a relação entre os bairros e o Centro de uma cidade, Ramos (2002) ao fazer uma análise da perspectiva de Lefébvre constata que:

É a noção de centralidade que constrói, que torna possível a cidade e seus bairros. Por isso, a centralidade é a essência da cidade [...] O bairro não pode ser pensado de forma atemporal, ou seja, ignorando a história da cidade, pois ele não tem um grau de realidade constante ao longo dela e sua existência histórico-concreta depende da conjunção de vários aspectos da sociabilidade de um local ao longo de um dado período. (RAMOS, 2002, p.66).

O fato é que Picos inicia um processo de crescimento para além do centro da cidade, após as enchentes dos anos 1960 que geraram a necessidade de reconstrução desta urbe. Tal fato somou-se aos primeiros sinais de urbanização e modernização advindos no início da década de 1970.

As famílias vitimadas pelas chuvas, os migrantes assolados pelas longas secas em suas regiões ou aquelas pessoas que moravam no meio rural, e tinham que colocar os seus filhos para estudar na cidade, acabaram por povoar áreas até então inabitadas: as encostas dos morros e à beira de estradas, como é o caso do bairro São José. Em um jornal da época (anos 1970) intitulado, *Voz do Campus*, há uma reportagem sobre essa “solução” como sendo a mais adequada para as vítimas do Rio Guaribas: “Para muitos que ouvimos, a solução adequável e definitiva seria a desapropriação pela Prefeitura de todos os bairros atingidos e a doação de terreno, em local distante do rio, para os menos favorecidos”.²

De acordo com a análise das fontes orais percebe-se que dentre os principais fatores que contribuíram para a urbanização do espaço onde atualmente se localiza o bairro São José, destaca-se o êxodo rural, provocado pela necessidade dos agricultores em dar continuidade

² PARA muitos que ouvimos. *Voz do Campus*. Picos, ano I, nº 8, p. 3, 28 de abr. de 1973.

aos estudos dos seus filhos, sendo que no bairro, já nesse período, havia a existência de duas escolas que permanecem em funcionamento até hoje: o Petrônio Portela, da rede estadual, e o Justino Luz, pertencente ao município, facilitando assim, a habitabilidade. Além do conseqüente desejo despertado nesses novos moradores da cidade de terem a casa própria e que, mediante a situação financeira, se sujeitavam a morar em um local mais afastado do Centro. O depoente João Costa Paiva reforça essa análise ao falar que:

Eu vim pra cá porque os meninos já estavam ‘bom’ de estudar, aí eu fiz o esforço de vim pra cá. Primeiro colégio que eles estudaram foi aí no Petrônio, que é bem em frente à casa. Era uma casinha fraquinha, de taipa ainda. Eu também não podia possuir coisa muito boa. (PAIVA, 2013).

O depoimento de Maria Irene Luz retrata a dificuldade enfrentada, por esses novos moradores da cidade, para conseguirem comprar sua casa própria, destacando os problemas financeiros e a falta de acessibilidade à moradia para os menos favorecidos:

Mamãe comprou essa casa. Ela era bem pequenininha. Era uma moradazinha bem baixinha [...] viemos pra cá porque foi um local onde achou essa casa pra comprar, com as condições que mamãe tinha. No Centro era mais as famílias ricas que morava e era muito caro também. Quase nem tinha casa pra vender. (LUZ, 2013).

Essa divisão do espaço entre o local dos ricos e dos pobres, o distanciamento entre as classes sociais, demonstra uma clara segregação espacial na cidade de Picos. Sobre esse aspecto, Raquel Rolnik aborda que

é como se existisse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais. É a este movimento de separação das classes sociais e funções no espaço urbano que os estudiosos da cidade chamam de segregação espacial. (ROLNIK, 1995, p. 40-41).

Sobre os começos da urbanização do bairro São José e a característica dos seus primeiros moradores, a depoente Maria Irene Luz, nos apresenta sua versão, explicando que:

Chegamos aqui em [19]72 e era poucas casas, gente mais do interior que vinham pra colocar os filhos aqui, pra estudar. Você vê, assim, uma incidência muito grande nesse período, e ainda hoje, de gente de Santana, de São José do Piauí, de Bocaina dessas regiões aqui mais próximas e também tinha muita gente do Rio Grande do Norte, o pessoal do 3ºBEC que vieram, principalmente, a parte civil, moravam aqui no bairro São José. Não havia a Cohab e eles não eram militares, porque lá no batalhão só ficava os oficiais, eram mais pessoal que chamam de “caçaque”, que trabalha mais como civil. Tinha muita gente assim aqui nos arredores. (LUZ, 2013).

O relato acima indica a origem dos primeiros moradores do bairro São José, sendo eles oriundos da zona rural, de cidades vizinhas e até de outros estados que se submeteram a conviver com a inexistência de recursos básicos como água, luz, saneamento, além da baixa concentração urbana desse novo bairro que vinha surgindo na cidade de Picos em meados da década de 1960.

Entre os primeiros moradores desse bairro, estavam os migrantes de outros estados que vieram para Picos, por diversos motivos, entre eles trabalhar numa das maiores obras do país a construção da rodovia - a Transamazônica - projeto do Governo Federal da década de 1970 dentro do Plano Nacional de Integração que visava integrar o Nordeste ao Norte do país.

A função mais importante da [rodovia] Transamazônica será a de promover a integração da Amazônia ao Nordeste, além de propiciar o deslocamento de contingentes humanos para o povoamento da própria Amazônia [...] Outra grande missão da estrada será a de unir os afluentes do Amazonas nos pontos que são navegáveis, realizando assim a conexão rodoviária dos portos fluviais. (MANCHETE, 1972, P. 88).

A imagem a baixo (figura 08) mostra a placa sinalizadora do marco 0 (zero) da rodovia Transamazônica, atualmente BR-230, localizada na cidade de Picos “onde a estrada avança depois de se ligar com duas grandes rodovias que vem de João Pessoa e Recife” reforçando a importância geográfica de Picos, ao ligar o Norte ao Nordeste (MANCHETE, 1972, p. 90). É à beira dessa rodovia (à esquerda da figura 08) que cresceu o povoado onde hoje se constitui o Bairro São José.



Figura 08: Vista da placa que indica que Picos era o marco zero da Transamazônica.
Fonte: Museu Ozildo Albano.

A instalação dessa placa foi manchete jornal Voz do Campus. A matéria explica que a sua instalação decorreu das festividades realizadas pelo 3º BEC, em Picos, em alusão ao que os militares chamavam de “Revolução de 1964”. Após a sua instalação o local virou ponto “turístico” da cidade, sendo fonte de admiração de quem por ali passava.

Por ocasião das comemorações do dia 31 de março, realizadas em Picos, o 3º BEC acertadamente, colocou nas proximidades da ponte sobre o Rio Guaribas uma placa indicando: Picos KM 0 da Transamazônica. Ali passou então a ser um local fotografado pelos visitantes, principalmente os do sul que tanto já ouviu falar nessa famosa rodovia do atual Governo Federal.³

O senhor João Costa Paiva, um dos depoentes desse trabalho representa esses migrantes que vieram de outros estados para trabalhar nessa grande obra e que, por vários motivos, acabou se instalando na região, como podemos perceber num trecho de seu depoimento.

Eu sou do Ceará, mas eu vim pelo DNER, vim trabalhar nas estradas, nessa BR ai. Ela foi projetada nos começos de [19]40, pelo DNOCS. Ai o DNOCS iniciou ela, saiu fazendo ponte, boeiro, aquelas coisas, né? Agora a construção da estrada e o levantamento todinho, terraplanagem, tudo foi com nós do DNER. A gente chegou aqui e foi pegar foi tudo. Brocar de machado, de foice, ciscar, tocar fogo, alargar a estrada, ajeitar, trabalhar mesmo. Nesse tempo a gente fazia era trabalhar. O BEC veio chegar foi quase em [19]71, já tava tudo era alargado. Tudo bonitinho. Tudo limpinho. O BEC fez apenas o asfalto. Fez só completar a terraplanagem, porque eles tinham máquinas. Fez só isso: colocar o asfalto. O serviço pesado quem pegou foi a gente. (PAIVA, 2013).

Na fala do João Costa Paiva fica notória a intenção de destacar a importância do papel exercido por ele, na figura do DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem), na construção da Transamazônica e, conseqüentemente, no desenvolvimento urbano da cidade de Picos. Esse depoimento, meio que desabafo, nos instiga a imaginação sobre uma possível rivalidade e disputa pela “paternidade” da Transamazônica entre estes dois órgãos, tendo em vista que em muitos trabalhos acadêmicos os méritos, por essa e várias outras obras, recaíram sob a imagem do 3º Batalhão de Engenharia e Construção, instalado em Picos na década de 1970. Porém, no próprio depoimento podemos perceber uma divisão de tarefas entre estes órgão de construção, onde o BEC, por possuir maquinários avançados, fazia a parte de acabamento da obra, neste caso o da Transamazônica.

³ POR ocasião das comemorações. **Voz do Campus**. Picos, ano I, nº 8, p. 3, 28 de abr. de 1973.

3.1 Por que São José?

No período das primeiras povoações em meados de 1960, a região do bairro São José, ainda não era intitulada dessa forma, sendo inserida na zona conhecida como Bomba, devido ali “se encontrar o único posto de gasolina da cidade”, como retrata Renato Duarte (1995, p. 26). Esse novo aglomerado urbano passou a se chamar São José depois de muitos anos. Havendo, inclusive, uma divergência, nos relatos colhidos, sobre o período e a motivação que levaram a escolha de tal nome. Tendo em vista a importância exercida por essa definição, já que é a nomenclatura que confere, ao bairro, uma personalidade dentro da cidade, buscou-se analisar as versões encontradas no decorrer da pesquisa.

Há duas vertentes explicativas. A primeira, trazida pela maioria dos depoentes, que relaciona o nome do bairro como posterior à construção da Igreja Católica, nessa região, a qual teve como santo escolhido, em votação na comunidade cristã, a figura de São José Operário. Como retrata Maria Irene Luz (2013) “Quando nós chegamos aqui era Bomba. São José é por causa da Igreja. Foi escolhido São José como padroeiro ai, o bairro ganhou o nome”.

A segunda linha explicativa, defendida pelo presidente da Associação de Moradores do bairro, na época, o Sr. Francisco Antônio Gonçalves, é que o nome São José foi escolhido em reunião da Associação. Composta, em sua grande maioria, por pessoas de religião cristã que optaram por São José, em menção ao santo operário/carpinteiro, como forma representativa do trabalho desenvolvido pelos mesmos frente à associação. Quando a Igreja foi fundada colocaram então São José como padroeiro, tendo em vista que o bairro já se chamava São José, como se percebe na fala do depoente:

O bairro estava sendo projetado ainda. Ai nós [da Associação] achamos por bem colocar o nome de São José, que ainda não era reconhecida na Prefeitura, nem na Câmara. Quando o finado Severo Eulálio ganhou a Prefeitura ai foi ele que originou [oficializou] o bairro São José, isso em 1977. Depois do bairro foi que veio a Igreja de São José Operário, justamente por causa do nome do bairro. (GONÇALVES, 2013).

Em pesquisa realizada na Câmara Municipal não foi encontrada nem uma lei de criação do bairro São José datada de 1977, como afirma o entrevistado. Encontrou-se uma ata de criação de um povoado, no município de Picos, de mesmo nome, porém sem uma limitação da área que nos permitisse afirmar que se trata do bairro São José. A ata, de Fevereiro de 1972, garante: “Os projetos de Leis são 5 de autoria do Sr. Prefeito [...] o de nº 2 que cria no Município de Picos o povoado São José”(ATAS, 1972, p. 152/153).

No processo de pesquisa entramos em contato com um mapa que mostra a evolução histórica da cidade de Picos. Ao analisarmos este documento encontramos dificuldades para compreendê-lo, por se tratar de um arquivo antigo e ter sido produzido em um programa de desenhos gráficos, fez-se necessário a ajuda de um técnico para uma melhor compreensão da sua legenda que, demonstra, através de cores, o crescimento da cidade dividida em décadas.

Segundo o que pôde ser entendido, em meados da década de 1960, o bairro São José pertencia à região conhecida como bairro Bomba traçada no mapa pela cor verde. Em meados da década de 1970, há um crescimento dessa região da Bomba, representada no mapa pela cor roxa. Esse aumento demográfico pode ter contribuído para o surgimento do bairro São José. Observe-os na imagem abaixo:

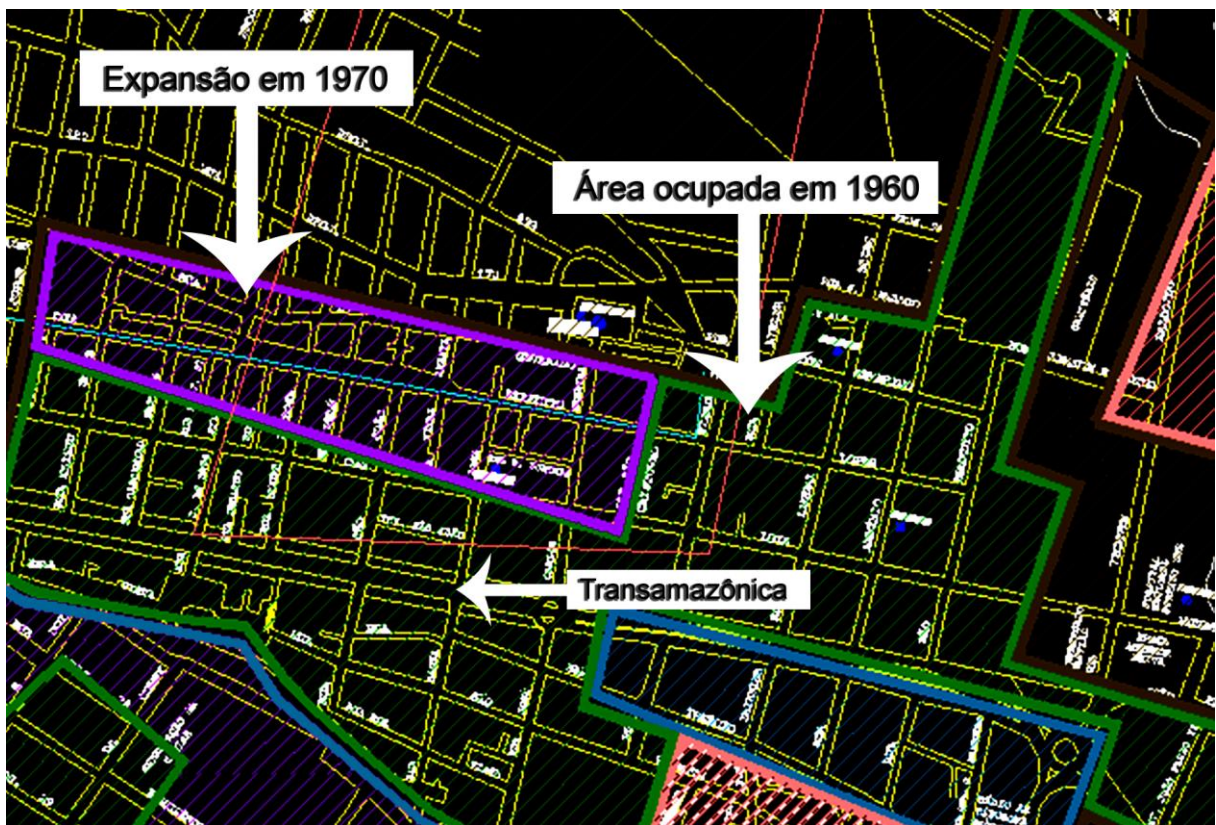


Figura 09: Mapa da evolução Histórica de Picos.
Fonte: Secretaria de Obras de Picos.

A delimitação dos bairros da cidade de Picos só foi organizada na década de 1990, pela Lei Municipal nº 1965 de 09 de novembro de 1998.

Organiza geograficamente os Bairros de Picos, fixa os seus limites e delimita a área do perímetro urbano e dá outras providências; Anexo I, 03: Bairro São José – Ponto inicial: Av Transamazônica no contorno da Av. Severo Eulálio, seguindo pela Avenida e prosseguindo pelo riacho dos macacos, segue pelo prolongamento da Rua Dom Severino, Rua José Carlos Pereira, Encosta do

3.2 Das dificuldades dos primeiros anos aos princípios modernizadores.

Quando eu cheguei aqui só tinha esse Petrônio [Unidade Escolar Petrônio Portela]. Passando dele eu já entrava pelo mato cortando lenha, vara, pra fazer chiqueiro. Aqui pra trás não existia nada, ali do outro lado tinha mais uma casinha e o resto tudo era mato. Quando eu saía daqui pra rua, eu entrava ai por dentro do mato. Não tinha rua Santa Rosa. Não tinha rua Luiz Nunes. Isso aqui era uma rua projetada. (PAIVA, 2013).

Na narrativa feita por João Paiva, no seu depoimento a cerca das características da região que mais tarde se tornaria o bairro São José, percebe-se certo “desbravamento” realizado por esses primeiros moradores ao se instalarem numa região hostil, onde se encontrava uma grande quantidade de mata fechada e condições não condizentes com uma área tida como urbana, tendo em vista a presença de roças, chiqueiros, animais e variados tipos de plantações. Como destaca a depoente Francisca Carvalho:

Aqui de frente era um buraco de lama, antes era uma lagoa de arroz, tinha roça. Quando nós chegamos aqui ainda tinha cerca ai, nasciam uns pés de abóboras dentro da roça. As crianças iam pro colégio se agarrando nas estacas das cercas [para não se sujarem, porque] aqui era só lama, só buraco mesmo. (CARVALHO, 2013).

Algo que desperta bastante atenção nos dois depoimentos expostos é a referência desses moradores a presença da escola, da rede estadual, Petrônio Portela, que já se encontrava em funcionamento nessa região, ainda pouco habitada, o que nos leva a questionar quais os motivos e a real intenção da instalação dessa escola nessa área? Seria para justamente incentivar a acomodação de moradores?

Em entrevista realizada com um dos moradores do bairro e ex-aluno da escola, o senhor Raimundo Nonato, ele nos esclarece que a intenção da instalação dessa unidade escolar, em meados da década de 1960, destinava-se a atender a demanda das comunidades rurais que compunha a microrregião de Picos, tendo em vista a falta de escolas nessas comunidades.

Construíam porque nos interiores próximos não tinha escolas, vinha gente de Ipueiras, Lagoa Cumprida, Serra do Tanque. Daqui mesmo do bairro não, porque eram poucos habitantes. Vinha mais gente dos interiores estudar aqui em Picos. Picos estava começando a crescer, o bairro São José ainda ia crescendo de vagar, mas já tinha a escola, até porque nem bairro São José ainda não existia, era tudo bairro Bomba. (MOURA, 2014).

Por ser uma área à parte do Centro da cidade, os aspectos modernizadores (água encanada, luz elétrica, calçamento, saneamento básico) demoraram a chegar. Em meados de 1970 a região ainda não possuía distribuição de água, como relata Irene Luz:

Em [19]70 nós ainda não tínhamos água encanada. A água a gente tinha que pegar nos dois chafariz que tinha aqui. Um do outro lado da pista, onde hoje é a rua Santo Inácio, era mais perto, atravessava e logo tinha um chafariz. E o outro era ali, onde hoje é a rua Tiradentes, perto onde hoje é o [supermercado] Evêncio. Era horrível. Filas enormes pra trazer água. Mamãe botava um galão com aquele pau aqui nas costas pra carregar a água, aí aqui tinha uma cisterna de cimento, enxia essa cisterna, tambor, porque a água era pra tomar banho, pra cozinhar, beber, pra tudo. Era serviço!(LUZ, 2013).

A vida cotidiana no bairro era repleta de dificuldades devido a falta de serviços públicos básicos como a água encanada. A população se via obrigada a “levantar de madrugada pra enfrentar a fila. Era uma torneirinha, e daqui que enchesse era 8 horas do dia. Era um negócio difícil mesmo” (PAIVA, 2013). Além desses chafarizes havia alguns poços construídos pela Prefeitura como forma de facilitar a vida da população. A Lei nº 841, de 5 de junho de 1972, desapropria um terreno na rua Tiradentes, fato mencionado no depoimento de Irene Luz, para a construção de um poço:

Fica o Prefeito Municipal autorizado a desapropriar por utilidade pública o terreno de propriedade dos herdeiros de Adão Nunes de Barros, situado na Rua Tiradentes, nesta cidade, medindo 10 (dez) metros de frente, com trazeira correspondente a 30 (trinta) metros de ambos os lados, destinado à perfuração de um poço tubular.⁵

Essas práticas, de perfurações de poços e construções de chafarizes, faziam parte dos planos municipais para solucionar a escassez de água pela qual a sua população passava, não só no bairro São José, mas como em boa parte da cidade. Um ano após a perfuração desse poço, tratado na Lei acima, foi publicado no jornal *Voz do Campus*, um Plano de Ação para a cidade de Picos, elaborado pelo economista Mário de Freitas Carvalho, no qual ele estabelece como primeira medida “tentar a solução da falta d’água, fator essencial para qualquer trabalho técnico-econômico e aumentar os poços artesianos, detalhe de importância enquanto houver carência de água, na região”.⁶

Picos é conhecida por ser uma região rica em água, principalmente, água subterrânea possuindo um lençol freático riquíssimo o que facilitava esse trabalho de perfurações de poços, tendo em vista, que não era necessário uma escavação muito profunda. Havendo variações de profundidade por partes da cidade “o interessante é a diversidade da

⁵ MUNICÍPIO DE PICOS. Lei Municipal nº 841, livro nº 9, de 05 de junho de 1972, que desapropria um terreno situado na Rua Tiradentes, e outras providências.

⁶ TENTAR a solução da falta d’água. **Voz do Campus**. Picos, ano I, nº 4, p. 5, 14 de fev. de 1973.

profundidade dos poços. Como exemplo citamos: [bairro] Junco: 298m; [bairro centro] Igrejinha: 125m e [bairro Canto da Várzea] Quartel: 117metros”.⁷

Nesse período das décadas de 1960 até 1970, a rede de abastecimento de águas e a de esgoto sanitário, da cidade de Picos, era realizada pela CAENE – Companhia de Águas e Esgotos do Nordeste – com a qual a prefeitura havia firmado um contrato, especificado na Lei nº 548, de 19 de outubro de 1965, concedendo tais serviços de exploração por 30 anos. Porém, no dia 10 de agosto de 1971, foi sancionada a Lei de nº 810 que revogava a lei citada acima, e passava tais direitos de exploração a AGESPISA (Sociedade Águas e Esgotos do Piauí S/A).

Percebe-se, pela data de sua instalação, que foi no período em que a AGESPISA, tomou a frente desse serviço público que houve uma expansão e melhoria na distribuição do abastecimento de água da cidade de Picos. Tanto pela perfuração de poços, como já foi tratado acima, como por outras matérias encontradas em jornais da época que tratam justamente dessa ampliação da rede de água, destacamos a manchete, “Mais Água para Picos”, do jornal *A Voz do Campus*, que trata sobre a construção do maior reservatório de água da cidade de Picos, estando este instalado nas intermediações do atual bairro São José, destinado ao abastecimento do mesmo, retratado na reportagem como ainda sendo o bairro Bomba.

Quem transita na Transamazônica em direção a Teresina, avista do lado direito, lá em cima do morro, que é conhecido como “morro do Zé Carlos”, algo de novo em matéria de construção. Com capacidade para 1500 m³, 21,10m de diâmetro e 5,60m de altura, ergue-se naquele local, um dos maiores ou, porque não dizer, o maior reservatório de água já construído pela AGESPISA. A construção esta prevista para ser entregue em fins de abril próximo e a obra está a cargo da firma Piauí Construtora Ltda. Esse reservatório irá abastecer somente a área do Bairro Bomba, da Av. Central [Transamazônica] e não toda a cidade e Bocaina, como julgavam muitos.⁸

Apesar dessa grande obra o bairro São José só teve todas as suas casas assistidas por água encanada na década de 1980. Como relata em depoimento, José Arimatéia, um dos funcionários mais antigos da AGESPISA e que trabalhou no processo de ampliação da rede do bairro: “foi em 1986 que foi feita a ampliação da rede do bairro São José, foi no governo do Hugo Napoleão. Foi quando foi feito esse prédio da AGESPISA” (ARIMATEIA, 2013). Infelizmente não foi possível o acesso aos mapas dessa ampliação, referida pelo depoente.

⁷ O interessante é a diversidade. **Voz do Campus**. Picos, ano I, nº 6, p. 1, 18 de mar. de 1973.

⁸ QUEM transita na Transamazônica. **Voz do Campus**. Picos, ano I, nº 6, p. 1, 18 de mar. de 1973.

Em relação à iluminação pública, os moradores relataram que havia luz, nas residências e nas vias públicas, porém era uma iluminação de péssima qualidade. “A energia que tinha era a motor a óleo diesel. Na rua a energia era aqueles bicozinhos bem fraquinhos, aquela luz bem apagadinha” (LUZ, 2013). Dentre os vários transtornos que a falta de eletricidade, de boa qualidade, causava à população, ouvimos um relato de João Paiva que conta a aflição na realização do parto do seu filho, em sua residência, hábito este bastante comum na época, devido a grande falta de médicos e hospitais.

A luz veio chegar definitivo mesmo em [19]70. O Adilson nasceu aqui. Eu sai daqui umas 8 horas [da noite] pra ir atrás de um médico porque a mulher tava sem atendimento. Só sei que vim chegar aqui 3 horas da manhã trazendo doutor Antenor e não tinha luz não, foi na base do lampião. Em 72 ela ficava indo e vindo. Em 75 eles fecharam tudo de poste ai ela ficou firme mesmo. (PAIVA, 2013).

Há uma Ata da Câmara Municipal de Picos, de 01 de setembro de 1972, que faz menção a um acordo realizado pela Prefeitura para estender a rede elétrica da cidade de Picos. A mesma explica que “autoriza o Executivo Municipal a adquirir ações nominativas preferenciais do capital social das Centrais Elétricas do Piauí e assinar, com a mesma, contrato particular de construção de extensão da Rede de Distribuição Elétrica” (ATAS, 1972, p. 184).

Dentre os trabalhos desenvolvidos pela CEPISA (Companhia Energética do Piauí), já a frente desse serviço público, está a “inauguração no mês de setembro [de 1975], da ampliação da rede elétrica, num total de 51 postes. Eles foram implantados no bairro São José, desta cidade atendendo a população daquele local” (INAUGURAÇÃO no mês de setembro. Macambira. Picos, ano IV, nº 59, p. 6-7, 31 de out. de 1975). Esta passagem do jornal Macambira corrobora os dados do relato oral acima, que indica a expansão da rede elétrica pela qual o bairro São José passou em 1975. Destacamos o fato de que este jornal, já nesse período, referir-se a esta região utilizando a nomenclatura de São José, diferentemente de outros jornais que utilizavam o nome de Bomba.

Entre os princípios modernizadores, das décadas em estudo, em 1977 foi construída a maior de todas as obras do bairro São José: o templo da Igreja Católica. Fonte de aproximação e união da comunidade tanto como prática cultural, quanto como em busca de melhorias para a infraestrutura da mesma.

A igreja de São José Operário foi construída pelo ex. Pároco da Paróquia de Nossa Sra. Dos Remédios, Pe. Alfredo Scháffler, juntamente com a comunidade. Teve sua primeira missa com a bênção da imagem de São José

Operário, no dia 15 de agosto de 1977 às 19h00min. No mês de outubro do mesmo ano, foi realizado um encontro de dois dias onde foram abordados assuntos de aprofundamento da fé e compromisso cristão. No final do encontro, foram criados grupos de jovens, liturgia, cantos, catequese, conselho comunitário etc. (Histórico da Capela de São José Operário).

O encontro do qual trata o histórico acima, foi fonte de notícia, em um jornal da época, no qual é esclarecido vários aspectos desse “Treinamento de Lideranças Cristãs”, coordenado na cidade de Picos pelo Pe. Alfredo Schäßler, padre fundador da Igreja de São José Operário.

O TLC (Treinamento de Lideranças Cristãs) foi fundado em 1967, na cidade de Campinas-SP, pelo Pe. Haroldo Rahn S. J. (norte americano naturalizado brasileiro). Sua finalidade é despertar jovens para uma verdadeira vivência cristã e agregá-los em comunidade de base. Mais de 1000 TLC já foram realizadas no Brasil. Aqui em Picos foram realizados os primeiros TLC do Piauí. Os jovens ficaram muito entusiasmados com esse movimento. Expressão um ardente desejo de guia-lo à frente⁹

Uma das depoentes desse trabalho, Irene Luz, participou desse treinamento e, conseqüentemente, tornou-se uma liderança cristã no bairro São José desenvolvendo diversas atividades, dentre elas, a direção geral da catequese. Sendo este um dos vários grupos criados ao final desse encontro, que passou a desenvolver atividades para que a Igreja, que nesses primeiros anos funcionava apenas como capela, devido não ter sua estrutura completamente concluída, obtivesse da comunidade o apoio necessário para a sua finalização, tendo em vista o número de habitantes católicos. Como podemos observar no seu relato:

Eu participei desse treinamento, formamos uma equipe pra trabalhar a catequese infantil, porque antes não tinha. As irmãs lá do colégio das irmãs vinham dar a catequese aqui no Petrônio, no domingo de tarde, e eu já as ajudava. Nós começamos com catequese, havia a celebração do culto no domingo de tarde, aí já passou a ter esse ponto de encontro pras pessoas se reunirem, isso foi a partir de [19]77. Formamos então o que nos denominamos de grupo de jovens, o MAD [Movimento do Amor Divino], e formamos um Conselho Comunitário composto por várias pessoas (adultos/jovens) e começamos a trabalhar porque a igreja não tinha piso, não tinha sino, não tinha calçada, não tinha banco aí nos começamos as campanhas. A primeira campanha foi para comprar o sino, até Dom Augusto deu uma bicicleta pra gente fazer uma rifa. A gente fazia tudo: rifa, bingo, leilão, até festa nos fizemos. Teve uma festa que fizemos no Picoense que era pra colocar o piso da igreja. Começamos a fazer campanhas, também, pra reivindicar calçamento, energia, segurança. (LUZ, 2013).

⁹ O TLC. **Voz do Campus**. Picos, ano I, nº 5, p.8, 28 de fev. de 1973.

O relato de Irene Luz apresenta um forte poder de congregação desenvolvido pela Igreja Católica, tendo em vista a união da comunidade em prol da melhoria das instalações do seu templo religioso e a formação de grupos, com destaque, para o Conselho Comunitário que se voltava, especificamente, para o bem estar da comunidade em geral, lutando para solucionar os seus problemas de infraestrutura. Como é destacada por (SANTOS, 2005, p. 46) ao dizer que “o trabalho na paróquia além da evangelização, tem-se configurado, ainda por uma perspectiva de “educação popular”, baseada nos critérios de mobilização dos moradores da periferia da cidade e na luta por melhores condições de vida”.

É com base nessa relação da igreja com a comunidade que “criamos em 1975 o primeiro Conselho Comunitário de Picos pra gente se organizar, reivindicar e trazer melhorias aqui pra comunidade onde a gente morava” (GONÇALVES, 2013), atitude esta vista como “uma experiência piloto [...] que foi transformado em 06/10/1985, na primeira associação de moradores de Picos” (SOUSA, 2005, p. 58). Várias foram as reivindicações solicitadas por esse Conselho Comunitário, que exercia o mesmo papel de uma associação de moradores, dentre elas destacamos a ampliação dos serviços básicos de água e energia, e melhorias nos meios de acessibilidade, como são enfatizadas no depoimento de um dos fundadores do conselho e presidente da associação por vários mandatos, o senhor Francisco Antônio Gonçalves:

A gente através do Conselho conseguiu a ampliação da rede de energia elétrica e a rede de abastecimento de água, que só vinha até a Rua Moura Barbosa que era onde tinha casas [...] Quando a Igreja foi construída só tinha missa uma vez por semana. Muita gente vinha do centro assistir a missa aqui e deixava os carros lá em cima da pista e descia de pé, porque aqui não entrava carro devido ao lamaçal. Uma coisa que me doía muito era quando uma gestante descia o morro pra assistir a missa e as vezes escorregava lá de cima do morro até chegar aqui em baixo. Ai nos conseguimos várias escadas que dão acesso ao morro. (GONÇALVES, 2013).

Ao se referir aos problemas enfrentados pelos fiéis da paróquia, o depoente acima, destaca a falta de calçamento e de acessibilidade aos morros, que cercam o bairro, como as mais graves. Na imagem abaixo (figura 11), que mostra a fachada da Igreja Católica, ainda em processo de desenvolvimento em meados de 1980, podemos visualizar estes morros e algumas casas instaladas em suas dependências nos dando uma ideia da dificuldade de locomoção enfrentada pelos seus moradores, repara-se também na arborização típicas da região presente em toda a extensão do morro, além da presença, à direita da imagem, de uma casa de tijolos com um quintal arborizado, indicando o fato de que muitas pessoas possuíam grandes quintais com a plantação de árvores frutíferas e pequenas hortas em seus domínios.

Percebe-se ainda que, já nesse período, existia calçamento nas vias públicas, melhoria conseguida através da Associação e da qual trataremos mais adiante, além disso, constatam-se, mais abaixo, aspectos físicos como o esgoto das casas percorrendo a céu aberto em pequenas valas, indicando à falta de saneamento básico um dos sérios problemas enfrentados, até os dias atuais, pela população. As crianças que são retratadas nessa fonte iconográfica reforçam a pacatez desses tempos, onde havia liberdade para brincar nas ruas e andar livremente, sem medo da violência que hoje perturbam seus moradores.



Figura 11: Imagem da frente da Igreja de São José Operário no bairro São José, década de 1980.
Fonte: Arquivo pessoal da depoente Maria Irene Luz, (2013).

A Associação de Moradores do bairro São José, a primeira fundada em Picos, teve como primeiro presidente Antônio Francisco Gonçalves, eleito para o mandato de 1986/1987. Reeleito para o segundo mandato de 1988/1989. Permaneceu na direção da associação como vice-presidente no mandato de 1990/1991. Voltou a assumir a presidência no mandato de 1992/1993, foi reeleito para o sexto mandato de 1994/1995. De 1996/1997, voltou a ocupar o cargo de vice-presidente no mandato de 1998/1999. Mantendo-se afastado da direção da associação no mandato de 2000/2002.(...) Vê-se que um mesmo ator figurando em várias gestões da associação de moradores revela uma permanência conservadora e continuísta, certamente um complicador na historia dessa agremiação. (SOUSA, 2005, p. 58).

No seu trabalho sobre as Associações de Moradores da cidade de Picos, Maria das Dores Sousa, ao entrar em contato com as atas da Associação do bairro São José, faz uma análise sobre os possíveis prejuízos causados pela permanência de uma mesma pessoa ao comando deste órgão. Contrariamente ao seu pensamento, a permanência da figura de Antônio Francisco, à frente da Associação, não se mostrou um complicador, tendo em vista as várias reivindicações atendidas durante os seus mandatos. Demonstra sim, um comodismo

por parte da população ao não se indicarem como candidatos para este cargo. Atualmente, Antônio Francisco está à frente da Associação do bairro Belo Norte, onde reside atualmente, e a Associação do bairro São José está quase desativada e muitos dos seus documentos foram perdidos tendo em vista a dificuldade, encontrada no processo de pesquisa deste trabalho, ao acesso das atas dos primeiros anos da sua fundação.

Mediante a falta documental os relatos orais foram o embasamento encontrado para destacar algumas das principais atividades desenvolvidas pela associação na década de 1980. Para tal usamos o relato de Irene Luz, que foi secretária da associação por alguns anos. A mesma destaca duas ações como as mais importantes deste período: a remoção das pessoas do “Grotão” e a construção de um box da polícia.

A gente lutou pelos direitos do pessoal do Grotão, ali entre a rua Tiradentes e a Landri Sales, que era um lugar onde as pessoas fizeram uns casebres, as casas eram de taipa e no meio da rua, pegava assim os terrenos alheios. Eram umas vinte famílias. Foi através da associação que a gente conseguiu tirar essas pessoas de lá e as primeiras vinte casas da Morada do Sol, foi pra abrigar essas famílias. Foi no tempo de Abel, depois de muitas audiências e com a ajuda da FAMCC [Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários] que viemos conseguir dar uma moradia digna a essas famílias. Teve uma época que a gente ainda construiu, até em regimento de mutirão um box pra polícia ficar, bem ali onde hoje é aquela Igreja Evangélica, perto do posto de saúde. Ele funcionou por alguns anos, mas depois foi desativado e Zé Neri doou pra os crentes construírem aquela Igreja. (LUZ, 2013).

No processo de pesquisa foi encontrado, no jornal O Profeta, uma reivindicação, da década de 1980, de um morador do bairro São José. Apresentado como um estudante, o cidadão, explica que utiliza aquele jornal para chamar a atenção dos órgãos públicos, especificamente, a Prefeitura Municipal, para os problemas enfrentados pelo “desprezado bairro São José”:

Sr. Prefeito de Picos, pela atenção a me prestada por este comunicativo-formativo Jornal O Profeta, estou grata, o mais ainda, em poder através dele pedir que V. Ex., pelo menos a metade da atenção que o Sr., dedica para os outros bairros de Picos, para o desprezado Bairro São José. Estudante/Morador do bairro S. J. – Picos-PI.¹⁰

Diante desse trecho, acima citado, percebemos que a luta pela ampliação e melhoramento do bairro não se restringia aos membros do Conselho Comunitário/Associação de Moradores, a comunidade como um todo se empenhava nessa busca.

¹⁰ SR Prefeito de Picos. **O Profeta**. Picos, ano IV, nº 22, p. 3, 27 de set. de 1980.

Das características espaciais dos bairros, o São José, foge em uma das mais comuns e constantes em quase todos os outros bairros da cidade de Picos. Não há em toda a sua extensão a presença de um espaço destinado ao esporte e lazer, enfim não existe uma praça pública em suas intermediações. Ao analisar essa carência foi questionado ao ex. presidente da Associação de Moradores se houve algum tipo de reivindicação em relação a esse aspecto logo nos primeiros anos de sua constituição.

Reivindicamos, brigamos por isso. Inclusive bem aqui onde tem esse prédio de Amparo [nome da proprietária do terreno enfrente a Igreja], ai era um terreno baldio. Quando começou a calçar, ali virou um estacionamento. O pessoal vinha pra Igreja e colocava os carros tudo lá. E a gente pelejou muito com a prefeitura pra comprar ou desapropriar aquele terreno pra fazer uma pracinha pequena ali pras crianças ficar brincando, as pessoas idosas sentar, ficar papiando e tal. A prefeitura tentou, mas o dono do terreno não vendia de jeito nenhum. E a prefeitura tinha direito de desapropriar, claro que tinha que indenizar, mas podia desapropriar se quisesse. Mas mesmo assim não fez. A noite terminou a missa o pessoal vai embora, era bom se tivesse um local. (GONÇALVES, 2013).

O depoimento acima nos remete aos aspectos culturais do bairro São José. Carecendo de espaços socializantes, a fundação da igreja e de suas pastorais transformaram a vida do bairro em variados aspectos, tornando-se o principal local de encontro da população sedenta de lazer e cultura que nos primeiros anos viam-se obrigadas a se deslocarem até o centro da cidade para participar das missas na Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios. “Dia de domingo a gente ia à missa lá na Catedral e ai depois da missa a gente ficava lá na praça um pouquinho. Primeiro a Félix Pacheco era um local de encontro das pessoas” (LUZ, 2013). A Igreja tornou-se não só um templo religioso, mas um local de encontro. As festividades alusivas ao santo padroeiro resultavam na integração da comunidade.

Desenvolveu-se no bairro a cultura das calçadas, onde as pessoas se reuniam para colocarem as conversas em dias e se socializarem, especialmente as mulheres. Além disso, havia também, a frequentação nas chamadas bodegas e bares que compunham o seu espaço, tido como locais para homens.

Ah! Nesse tempo também, já tinha as quitandas, que a gente chamava de bodegas. Já tinha seu Assis, que já tinha uma bodega aqui no bairro. Onde a gente fazia as compras, porque supermercado ainda não tinha. A feira a gente ia fazer lá no centro no sábado, a feira de cereais, de frutas, era tudo lá. Aqui eram só essas coisinhas menores do dia-a-dia. Não tinha padaria também, os pães a gente comprava na bodega. Eles compravam lá no centro e traziam pra cá. Acabavam se tornando um local de encontro, a gente também podia comprar fiado e pagava só no final do mês. (LUZ, 2013).

Esses pequenos mercados além de facilitarem o acesso da população aos mais variados tipos de mercadorias, evitando assim o deslocamento dos residentes até o centro da cidade, era de suma importância para o desenvolvimento de uma relação de proximidade entre as pessoas. Devido a estas relações estabelecidas entre os moradores o comércio se mantinha baseando na confiança, como podemos perceber no relato acima. A venda das mercadorias era feita “fiado”, ou seja, a prazo.

Magalhães (2009) trata essa questão de confiança como uma característica das cidades pequenas, aonde há uma preocupação maior com a obediência às normas, de zelo pelo nome, de medo de ficar mal visto, tendo em vista que “a forma de comportamento das pessoas está sujeita a uma determinada forma de controle porque nas pequenas cidades todo mundo conhece todo mundo e se mete na vida de todo mundo” (MAGALHÃES, 2009, p.47).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto nas páginas anteriores, podemos perceber que o bairro São José constitui-se pelo agrupamento de pessoas vindas de vários lugares em busca de melhorias das suas condições de vida, através do estudo/trabalho, na cidade de Picos. A sua localização, a beira da rodovia, como visto, resultou das características geográficas da cidade de Picos e do seu desenvolvimento desordenado.

A religiosidade foi a principal propulsora do crescimento demográfico do bairro São José, tendo em vista que após a instalação da Igreja de São José Operário a comunidade se uniu em prol da luta por melhorias da sua estrutura física, que nos primeiros anos era precária. Os serviços públicos básicos – água, luz, calçamento – eram de péssima qualidade, utilizavam-se águas de poços artesianos e chafarizes para abastecer o bairro e suas adjacências; a iluminação era feita por lampiões ou geradores movidos a óleo diesel; as ruas eram lama e buracos.

Com a união da comunidade, primeiramente através de um Conselho Comunitário, formou-se no bairro São José a primeira Associação de Moradores da cidade de Picos e, conseqüentemente, a instalação de muitos benefícios para a comunidade como: água encanada, luz elétrica, calçamento, escadas de acesso aos morros que o rodeiam.

Dentre as práticas sociais, presentes nas décadas de estudo 1960-1980, destacou-se a forte crença dos seus moradores, que se empenharam na construção do templo da Igreja Católica e se engajaram nas atividades pastorais da mesma, além da participação nas celebrações e festividades alusivas ao santo padroeiro transformando este espaço num dos principais locais de sociabilização do bairro. Outras práticas destacadas foram à frequência de bodegas/bares e a cultura das calçadas, atualmente, em decadência devido aos altos índices de criminalidade e a inserção dos produtos modernos - TV, internet - à vida dos moradores.

Percebemos, então, com este trabalho, o processo de desenvolvimento e modernização de um do bairro São José que “como tantos outros espaços urbanos da cidade de Picos, possuem seus aspectos particulares, construídos, condicionados e caracterizados ao longo do tempo através das relações cotidianas entre seus moradores” (RODRIGUES e SANTOS, 2013, p 14).

FONTES E REFERÊNCIAS

Orais

ARIMATÉIA, José de. Depoimento concedido a Vanessa de Moura Santos. Picos, 24 out. 2013.

CARVALHO, Francisca de Sousa. Depoimento concedido a Vanessa de Moura Santos. Picos, 14 out. 2013.

GONÇALVES, Francisco Antônio. Depoimento concedido a Vanessa de Moura Santos. Picos, 19 out. 2013.

LUZ, Maria Irene. Depoimento concedido a Vanessa de Moura Santos. Picos, 17 out. 2013.

MOURA, Raimundo Nonato. Depoimento concedido a Vanessa de Moura Santos. Picos, 06 fev. 2014.

PAIVA, João Costa. Depoimento concedido a Vanessa de Moura Santos. Picos, 19 out. 2013.

Sites e Documentos

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2012**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 02 abr. 2013.

LUZ, Edimar. **A feira livre de Picos** In: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/4012626>, acessado em 21 ago. 2013.

ODM, Portal. **Objetivos de desenvolvimento do Milênio**. Disponível em: <http://www.portalodm.com.br/relatorios/pi/picos>, acessado em 09 ago. 2013.

Atas e Leis Municipais

ATAS das Sessões da Câmara dos vereadores. Livro nº 4. Picos: 1972, p. 152/15.

ATAS das Sessões da Câmara dos vereadores. Livro nº 4. Picos: 1972, p. 184.

MUNICÍPIO DE PICOS. Lei Municipal nº 810, livro nº 8, de 10 de agosto de 1971, que revoga a lei nº 548 de outubro de 1965, e outras providências.

MUNICÍPIO DE PICOS. Lei Municipal nº 841, livro nº 9, de 05 de junho de 1972, que desapropria um terreno situado na Rua Tiradentes, e outras providências.

MUNICÍPIO DE PICOS. Lei Municipal nº 876, livro nº 9, de 07 de março de 1973, que da denominação a avenida na zona urbana da cidade, e outras providências.

Jornais e Revistas

FOCO, Revista. **111 anos, Picos nossa história**. ed. comemorativa - Folha de Picos, 2001.

INAUGURAÇÃO no mês de setembro. **Macambira**. Picos, ano IV, nº 59, p. 6-7, 31 de out. de 1975.

MANCHETE, Revista. **Viagem Fantástica pela Transamazônica**. nº 1.043. Edição Especial. Rio de Janeiro, 1972.

O interessante é a diversidade. **Voz do Campus**. Picos, ano I, nº 6, p. 1, 18 de mar. de 1973.

O TLC. **Voz do Campus**. Picos, ano I, nº 5, p.8, 28 de fev. de 1973.

PARA muitos que ouvimos. **Voz do Campus**. Picos, ano I, nº 8, p. 3, 28 de abr. de 1973.

POR ocasião das comemorações. **Voz do Campus**. Picos, ano I, nº 8, p. 3, 28 de abr. de 1973.

QUEM transita na Transamazônica. **Voz do Campus**. Picos, ano I, nº 6, p. 1, 18 de mar. de 1973.

SR Prefeito de Picos. **O Profeta**. Picos, ano IV, nº 22, p. 3, 27 de set. de 1980.

TENTAR a solução da falta d'água. **Voz do Campus**. Picos, ano I, nº 4, p. 5, 14 de fev. de 1973.

Referências bibliográficas

ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano (orgs). **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. [s.e.] Picos, 2011.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARAÚJO, Cristina Cunha de. **Trilhas e estradas**: a formação dos bairros Fátima e Jockey Clube (1960-1980). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009. [Dissertação de Mestrado]

BARROS, Sandra Chaves Pessoa. História e Memória da Urbanização do Bairro Piauí. In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa, et al (org.). **Fragments Históricos**: experiências de pesquisa no Piauí. Parnaíba: SIEART, 2005

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & fotografia**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARPINTÉRO, M.V.T.; CERASOLI, Josianne Francia. **A cidade como história**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 50, p. 61-101, jan./jun. 2009. Editora UFPR.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 13. ed. trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2000.

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta**. 2 ed. revista e ampliada. Recife. Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

_____. **A reconstrução de uma cidade: Plano de Desenvolvimento para Picos**. Teresina: Comp. Ed. do Estado do Piauí, 2002.

FONSÊCA, Graziani Gerbasi. **Os italianos de Picos: esboço para a história das relações entre o Golfo de Policastro e o Sertão Nordestino a partir do ano 1870**. Teresina: EDUFPI, 2004.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo. Humanistas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1900.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro, edição do IBGE, 1959.

LE GOOF, Jacques. **Por amor às cidades**. Conversação com Jean Lebrun. Trad. Reginaldo Carmelo Corrêa Morais. São Paulo: UNESP, 1998.

LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé; NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida; ABREU, Irlane Gonçalves de; NUNES, Maria Célis Portela. **Teresina Tempo e Espaço**. Teresina: EDUFPI, 1997.

LIMA, Francisca Lidiane de Sousa. **Rupturas, permanências e vivências cotidianas: o bairro Mafuá de 1970 a 1990**. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

MAGALHÃES, Augusto. **Socialização do Espaço Urbano: como um festival de artes interferiu na relação indivíduo/cotidiano na cidade de Areia, Brejo Paraibano, na década de 70**. Dissertação. João Pessoa, 2009.

MARX, Murillo. **Cidade no Brasil terra de quem?** São Paulo: Nobel: EDUSP, 1991.

MELO, Cláudio. **A prioridade do norte no povoamento do Piauí**. Teresina, 1985.

MORAIS, Eliane Rodrigues de. Vila de Valença: centro do sertão piauiense./ Urbanização do povoado Papagaio. In: **De Papagaio a Francinópolis**. Teresina: EDUFPI, 2008. P. 51-78. Petrônio Portella, 1995, p.72.

MOOT, R. B. **Piauí Colonial: população, economia e sociedade**. Teresina, Projeto Petrônio Portella, 1985.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. Trad Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1965.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. História Oral: Experiências na construção de fontes orais. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo. **História e Historiografia**. Recife: Bagaço, 2006.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo: PUC, dez. 1993.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. **A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960**. Monografia. UFPI, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RAMOS, Aluísio Wellichan. **Espaço-tempo na cidade de São Paulo: historicidade e espacialidade do “bairro” da Água Branca**. In: Revista do departamento de geografia, n.15, pag. (65-75), 2002.

RODRIGUES, Maria Francisca de Sousa; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **Bairro, Cotidiano e Vivência: Práticas Cotidianas dos Moradores do Bairro São José da cidade de Picos, no Estado Piauí, na década de 1980**. Artigo. UFPI. Picos, 2013.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 40-41.

SOARES, Layane Leal. **Ensino Superior: reminiscências de professoras sobre a criação do Campus da Universidade Federal do Piauí em Picos nas décadas de 1980 e 1990**. UFPI, 2011, Monografia.

SOUSA, Jane Bezerra de. **Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2005.

SOUSA, José Domingos de. Entrevista concedida ao pesquisador Marcos Vinicius Holanda Sousa em 24 de maio de 2011. In: SOUSA, Marcos V.H. **História e memória d ensino técnico profissionalizante na cidade de Picos-PI**. Monografia. UFPI, 2011.

SOUSA, Luzifrank Júnior de. **A História entra em campo: História da Sociedade Esportiva de Picos – SEP**. UFPI, 2011. Monografia.

SOUSA, Maria das Dôres de. **Práticas educativas de associação de moradores na década de 1990**. Teresina: EDUFPI, 2005.

VARÃO, Maria Goreth de Sousa (org.). **Picos: histórias que as famílias contam**. Teresina: EDUFPI, 2007.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e sociedade picoense: 1850 a 1930**. Teresina: EDUFPI, 2005.